



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**TIAGO BARRETO DE LIMA**

**A ARTE NÃO É PASSATEMPO: A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO  
ESTÉTICA NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO CRÍTICO**

**FORTALEZA  
2019**

**TIAGO BARRETO DE LIMA**

**A ARTE NÃO É PASSATEMPO: A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO  
ESTÉTICA NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO CRÍTICO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao  
Curso de Pedagogia da Universidade Federal  
do Ceará, como um dos pré-requisitos para  
obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Luciane Germano  
Goldberg.

**FORTALEZA  
2019**

**TIAGO BARRETO DE LIMA**

**A ARTE NÃO É PASSATEMPO: A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO  
ESTÉTICA NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO CRÍTICO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao  
Curso de Pedagogia da Universidade Federal  
do Ceará, como um dos pré-requisitos para  
obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Luciane Germano  
Goldberg.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Luciane Germano Goldberg (UFC)

Professora Orientadora

---

Profa. Dra. Ingrid Louback de Castro Moura (UFC)

Membro da Banca Examinadora

---

Mestre Antônio Gilvamberto Freitas Felix (UFC)

Membro da Banca Examinadora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

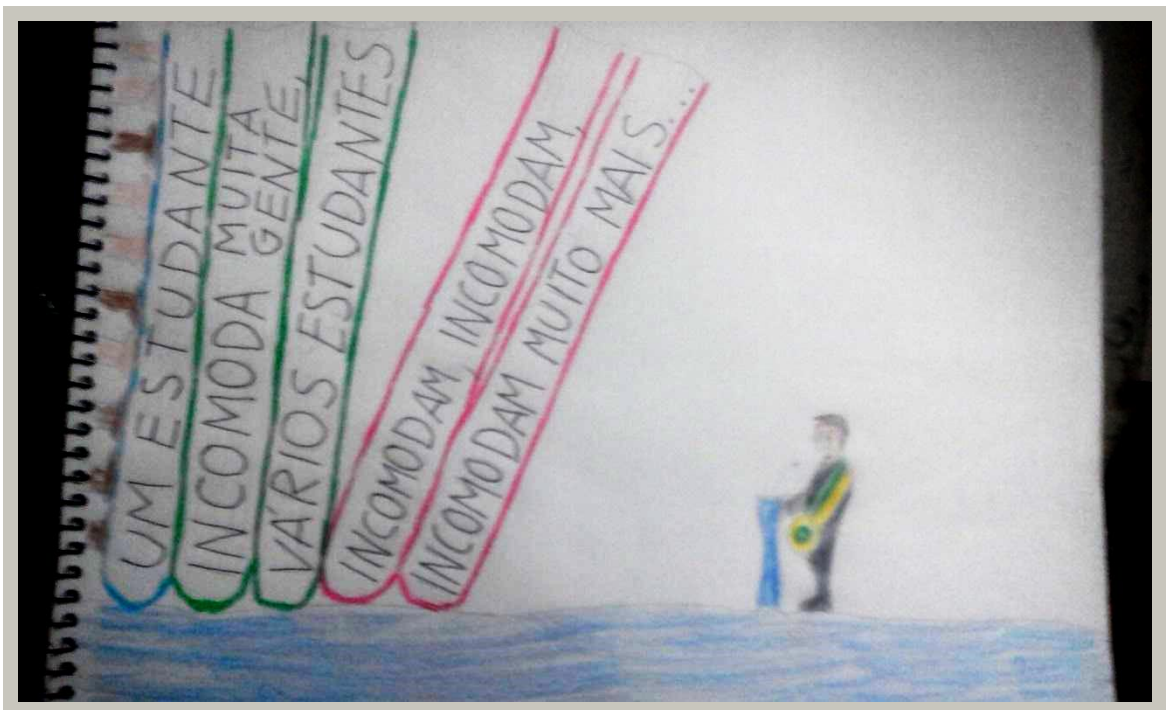
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- L711a Lima, Tiago Barreto de.  
A Arte não é passatempo: A importância da Educação Estética na formação do indivíduo crítico / Tiago Barreto de Lima. – 2019.  
77 f.: il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, Fortaleza, 2019.  
Orientação: Prof. Dra. Luciane Germano Goldberg.
- 1 . Educação. 2. Educação Estética. 3. Arte-Educação 4. Formação de educadores críticos.  
I. Título.

CDD 370

---



*Dedico a todos os que lutam pela Educação neste país.*

## AGRADECIMENTOS

Nascemos, crescemos, vivemos de modo diferente, alguns (bem poucos, diga-se de passagem.) já nascem com algumas facilidades, outros pelo contrário tem negados direitos mais básicos, nem todos possuem as mesmas oportunidades, as mesmas chances, os mesmos auxílios, as mesmas preparações, tudo por questões de um país injusto, que exala desigualdade nos aspectos de sociedade, política e economia, um país que baseia a sua história na instituição da desigualdade. Então é por isso que temos que ter todo valor as pessoas, entidades e instituições que passam e marcam a gente de uma forma e nos constroem e reconstroem, afora as questões sociais, políticas e econômicas que nosso país teima em perpetuar desigualdades, não é possível que nos façamos sozinhos, e ressalto o preâmbulo acima que problematiza, é que diante desse desafio maior em nosso país, agradecer é pouco, mas que todas as pessoas que me ajudaram na minha caminhada acadêmica e fora dela tem toda a minha admiração e respeito e dívida eterna. O desafio de me formar em um curso superior, onde faço parte de uma seleta (e mínima) parcela da população do meu país, que não dá o devido respeito e investimento para a nossa educação e principalmente vindo de uma família pobre em um país injusto é de um valor que não tem preço e sem romantizar estas desigualdades me permito a dizer que e todas estas pessoas e entidades e instituições que fizeram parte desta realização acima citada têm um lugar guardado dentro de minha alma. Agradeço a Deus pelas oportunidades que proveu, a minha Mãe, Maria Neila Barreto Lima, mulher batalhadora que nunca duvidou que eu chegasse neste ponto e que fez de tudo para que eu progredisse desde pirralho, a Universidade Federal do Ceará UFC e a Faculdade de Educação - FACED por serem estes lugares que me formaram como pessoa, cidadão e profissional, e em especial a Profa. Dra. Luciane Goldberg que em meio a minha caminhada acadêmica foi com certeza o meu primeiro divisor de águas dentro da graduação e por ela comecei a me encontrar dentro da Pedagogia, através de suas excelentes formações estéticas que fizeram completa diferença, além do fato de ser a orientadora na construção deste trabalho, agradeço também ao Centro Acadêmico Paulo Freire/Pedagogia (UFC) – CAPF/UFC e ao Movimento Estudantil de Pedagogia - MEPe que foram ao mesmo tempo meus segundos divisores de águas dentro da minha graduação, onde comecei a me formar politicamente, e que me fez aprender a conjugar o verbo “lutar” de modo crítico, estes que só fizeram somar e ajudaram a constituir-me

uma identidade como futuro pedagogo, é conveniente dizer que grande parte do meu TCC surgiu debaixo do teto do CAPF/UFC, agradeço também a minha companheira e que amo demais Renata de Sousa Menezes, formanda em Farmácia (UFC) pelos toques, ajudas e *wifi* para fazer o meu TCC, e principalmente agradecer pela paciência enquanto fazia o trabalho ao invés da gente estar namorando. Mais que Gratidão a todos!



*A pintura nunca é prosa.  
É poesia que se escreve com versos de rima plástica.*

*Pablo Picasso*



## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo refletir acerca da importância da Educação Estética na formação do indivíduo crítico e apresentar as dificuldades nesta relação. Metodologicamente, consiste em uma pesquisa de cunho bibliográfica, com base em Barbosa (2012), Duarte Junior (1988), Goldschmidt (2004), Lowenfeld & Brittain (1977), Marx (2004), Vigotsky (1998) e (2001) Spinoza (2008), May (1973), Schiller (2002), Freire (*et al.*1986) e (2008), entre outros. Busca entender, a partir de uma análise histórico-cultural, como nos educamos estética- artisticamente, no sentido de perceber a origem de não valorizarmos o ensino da Arte e não darmos espaço para uma Educação Estética de maneira efetiva para além das diretrizes e currículos no nosso país. O título deste trabalho se inicia com um verdadeiro grito de militância a favor da maior valorização do ensino de Arte e da promoção de uma verdadeira formação estética: “A Arte não é passatempo”. Este trabalho busca também apresentar a importância da formação de educadores para a educação do sensível que realmente valorizem os saberes e potencialidades da Educação Estética, de acordo com Freire (*et al.*1986), (2003) e (2008), Schiller (2002), Read (1968) Benjamin (1985) e Trigueiro (1974). Junto ao arcabouço bibliográfico, este trabalho está complementado também por experiências, vivências e, como não devia deixar de ser, por sentimentos e percepções construídas pelo autor deste trabalho na sua caminhada pessoal de estudante de Pedagogia na Universidade Federal do Ceará (UFC) durante o período de realização da disciplina de Arte e Educação, no curso de Pedagogia (UFC) como estudante no semestre (2016.1) e como monitor nos semestres (2017.1) e (2017.2), ministrada pela Profa. Dra. Luciane Germano Goldberg, assim como partilha reflexões acerca das experiências vividas na disciplina de Educação Estética (2019.2) também ministrada pela referida professora. Ao final, conclui-se que diante da importância da formação estética na construção do indivíduo crítico e a formação de docentes com saber estético, convém demonstrar que as dificuldades nestas relações são justificadas não pelo acaso, mas por questões históricas, políticas e culturais que materializaram equívocos na formação estética e assim, refletindo sobre isso, podemos ressaltar que a educação do sensível deve, na prática, fazer parte da nossa educação com o devido respeito e relevância.

**Palavras-chave: Educação; Educação Estética; Arte-Educação, Formação de educadores críticos.**

## ABSTRACT

This Course Conclusion Paper (TCC) aims to reflect on the importance of Aesthetic Education in the formation of the critical individual and present the difficulties in this relationship. Methodologically, it consists of a bibliographical research, based on Barbosa (2012), Duarte Junior (1988), Goldschmidt (2004), Lowenfeld & Brittain (1977), Marx (2004), Vigotsky (1998) and (2001) Spinoza (2008), May (1973), Schiller (2002), Freire (et al.1986) and (2008), among others. It seeks to understand, from a historical-cultural analysis, how we educate ourselves aesthetically-artistically, in order to understand the origin of not valuing the teaching of art and not giving space to an aesthetic education effectively beyond the guidelines and curricula in the field our country. The title of this paper begins with a true cry of militancy in favor of greater appreciation of art education and the promotion of true aesthetic formation: “Art is not a hobby”. This paper also seeks to present the importance of training educators for the education of the sensitive who really value the knowledge and potentialities of Aesthetic Education, according to Freire (et al.1986), (2003) and (2008), Schiller (2002). , Read (1968) Benjamin (1985) and Trigueiro (1974). Along with the bibliographic framework, this work is also complemented by experiences, and, as it should be, feelings and perceptions built by the author of this paper in his personal journey of Pedagogy student at the Federal University of Ceará (UFC) during the period of completion of the Art and Education discipline, in the Pedagogy course (UFC) as a student in the semester (2016.1) and as a monitor in the semesters (2017.1) and (2017.2), taught by Profa. Dr. Luciane Germano Goldberg, as well as sharing reflections on the experiences lived in the discipline of Aesthetic Education (2019.2) also taught by the referred teacher. In the end, it is concluded that in view of the importance of aesthetic formation in the construction of the critical individual and the formation of teachers with aesthetic knowledge, it should be demonstrated that the difficulties in these relationships are justified not by chance, but by historical, political and cultural issues that materialized. misconceptions in aesthetic formation and thus, reflecting on this, we can emphasize that the education of the sensible must, in practice, be part of our education with due respect and relevance.

**Keywords: Education; Aesthetic education; Art Education, Formation of critical educators.**

## LISTA DE FIGURAS

**DEDICATÓRIA:** Desenho “Um estudante incomoda muita gente, vários estudantes incomodam muito mais” de Tiago Barreto de Lima

**EPÍGRAFE:** Desenho “O homem e a pipa” de Tiago Barreto de Lima

**PRA COMEÇO DE CONVERSA - Figura-CAPA:** Desenho “Ordem e Progresso? Brasil devastado” de Tiago Barreto de Lima..... 15

**ANÁLISE HISTÓRICA E CULTURAL DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL -**  
Figura-CAPA: Desenho “O trabalhador” de Tiago Barreto de Lima” ..... 23

**A ARTE NÃO É PASSATEMPO -** Figura-CAPA: Desenho “Anestesia” de Tiago Barreto de Lima..... 36

**A EDUCAÇÃO ESTÉTICA NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO CRÍTICO -**  
Figura-CAPA: Desenho “Mais cabeça, menos corpo” de Tiago Barreto de Lima..... 47

**IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DE EDUCADORES COM SABER ESTÉTICO -** Figura-CAPA: Desenho “Sensibilidade” de Tiago Barreto de Lima..... 60

**FECHAMENTO DO TRABALHO:** Desenho “”Invisíveis”” de Tiago Barreto de Lima..... 72

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CAPF - Centro Acadêmico Paulo Freire

CEB - Câmara de Educação Básica

CNE – Conselho Nacional de Educação

CP – Conselho Pleno do Conselho Nacional de Educação

DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

DUDH - Declaração Universal dos Direitos Humanos

FACED/UFC - Faculdade de Educação/UFC

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

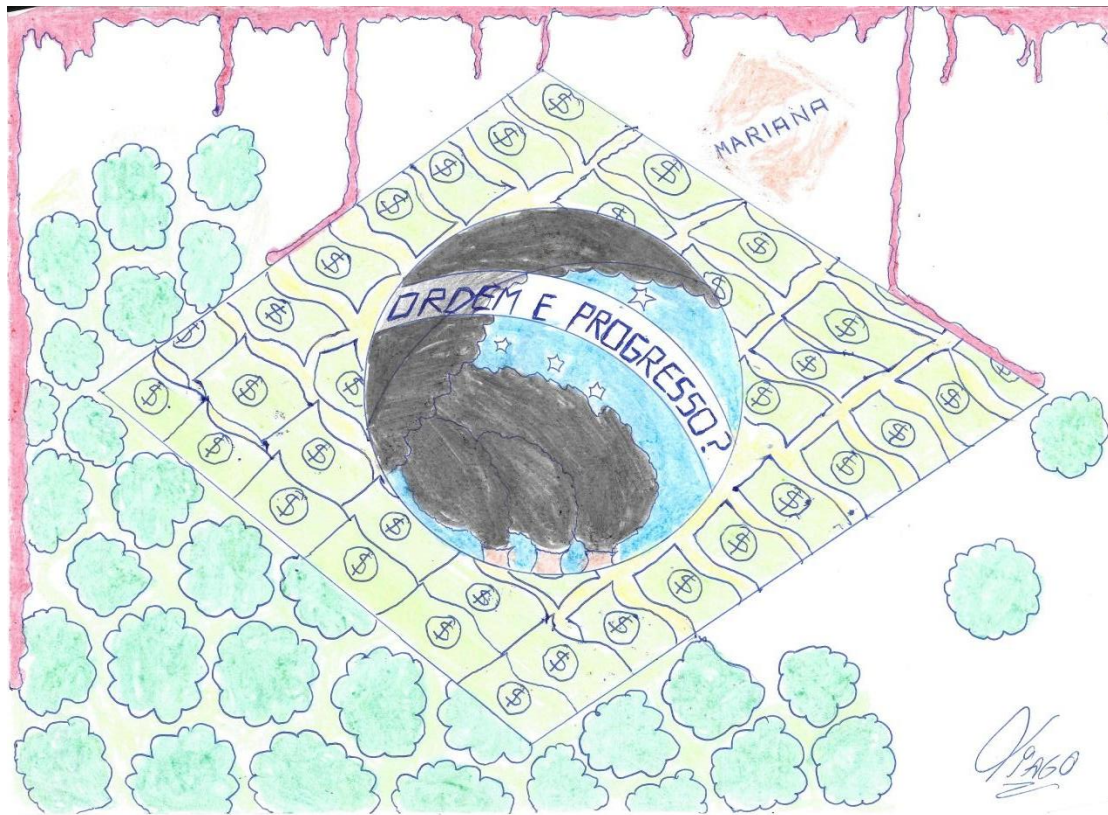
MEPe - Movimento Estudantil de Pedagogia

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UFC - Universidade Federal do Ceará

## SUMÁRIO

<b>1. Pra começo de conversa.....</b>	<b>16</b>
<b>2. Análise histórica e cultural do ensino de Arte no Brasil.....</b>	<b>24</b>
<b>3. A Arte não é passatempo.....</b>	<b>37</b>
<b>4. A Educação Estética na formação do indivíduo crítico.....</b>	<b>48</b>
<b>5. A importância da formação de professores com saber estético.....</b>	<b>61</b>
<b>6. Considerações finais.....</b>	<b>70</b>
<b>7. Referências Bibliográficas.....</b>	<b>73</b>



*Uma parte de mim  
é todo mundo  
outra parte é ninguém  
fundo sem fundo*

*Uma parte de mim  
é multidão  
outra parte estranheza  
e solidão*

*Ferreira Gullar*

## 1. PRA COMEÇO DE CONVERSA...

A caminhada acadêmica nos proporciona variados caminhos, diferentes experiências, sensações, interesses, emoções e aprendizados. Para a finalização de uma graduação é-nos exigido um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em forma de monografia, em que, a partir de toda a nossa vivência durante a carreira acadêmica, destacamos algo no todo que, de alguma forma, nos afeta, nos gera expectativa, questionamento, desconforto, indignação, interrogação, por isso, este trabalho de conclusão de curso se inicia com essa reflexão: somos consequências de nossas inquietações, do que nos afeta e com isso nos construímos e reconstruímos, nós e o mundo à nossa volta.

Acredito que a escolha da temática deste TCC estava adormecida por muito tempo, antes mesmo de sequer ingressar na Universidade, mas que um gatilho na academia gerou sentimentos, questionamentos, desconfortos, indignação, e outros sentimentos difíceis de explicar. Sinto que a reflexão para desenvolver este trabalho já existia, mas precisava ser despertada e afetada, percebo que demorei em decidir realmente o que poderia desenvolver no meu TCC, mas quando a minha mente se abriu para a reflexão que será proposta, tudo naturalmente se tornou claro para mim, e com este afeto, em mim ainda não resolvido, justifico esta produção.

Este trabalho vai tocar justamente em afecções, em sentimentos, de como justamente nossos sentidos nos constroem e nos fazem ser quem somos. Afecções são tudo que nos afeta e que, de alguma forma, nos transformam. Somos, neste universo, corpos que interagem com outros corpos e nestas relações construímos afetos que são nossas reações frente aos processos contínuos de afecção. Assim podemos citar Spinoza nas palavras de Chauí (2011, p. 73):

[...] o corpo não é uma unidade isolada que entraria em relação com outras unidades isoladas, mas é um ser originário e essencialmente relacional: é constituído por relações internas entre os corpúsculos que formam suas partes e seus órgãos e pelas relações entre eles, assim como por relações externas com outros corpos ou por afecções, isto é, pela capacidade de afetar outros corpos e ser por eles afetado sem se destruir, regenerando-se, transformando-se e conservando-se graças às relações com outros.

Somos o que sentimos, e o valor de darmos importância aos sentidos é do que se trata a Educação Estética, em um mundo que relega nossos sentimentos ao segundo plano, considerando que eles não constroem o indivíduo útil à sociedade, construímos



assim uma sociedade insensível e com inúmeros problemas como já estamos percebendo. A estética, que mais à frente neste trabalho será esmiuçada com mais detalhes, é uma área abrangente, portanto, é importante esclarecer que iremos abordar uma pequena parte relacionada à Arte e à Educação e à sua contribuição para uma formação de indivíduos críticos, autônomos e conscientes de si e do mundo a sua volta.

O objetivo principal deste trabalho é demonstrar a importância da Educação Estética na formação do indivíduo crítico, observar e refletir sobre as dificuldades nesta relação. Quanto à metodologia, é importante adiantar por aqui que este se desenvolverá estritamente por meio de pesquisa bibliográfica, em que utilizarei diversos autores que irão justificar a importância da Educação Estética na formação de um indivíduo crítico como Duarte Júnior (1988), Goldschmidt (2004), Lowenfeld & Brittain (1977), Marx (2004), Vigotsky (1998) e (2001) Spinoza (2008), May (1973), Schiller (2002) e Freire (*et al.*1986) e (2008); autores que vão refletir, com base em uma análise histórico-cultural sobre como nos educamos estética-artisticamente e perceber a origem de não valorizarmos o ensino da Arte e não darmos espaço para uma Educação Estética de maneira efetiva para além das diretrizes e currículos: Barbosa (2012), Ferraz e Fusari (2009), Iavelberg (2017) e Goldschmidt (2004); autores que nos farão ver a importância de formar educadores para a educação do sensível, e que realmente valorizem a Educação Estética: Freire (*et al.*1986), (2003) e (2008), Schiller (2002), Read (1968) Benjamin (1985) e Trigueiro (1974).

Junto ao arcabouço bibliográfico, podemos considerar que este trabalho será desenvolvido também por experiências, vivências e, como não devia deixar de ser, por sentimentos e percepções construídas por mim na minha caminhada pessoal e de estudante de Pedagogia na Universidade Federal do Ceará (UFC). O auxílio recorrido desta plêiade de sentimentos, vivências e experiências vêm do período em que realizei a disciplina de Arte e Educação, do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC), como estudante no semestre 2016.1 e da minha experiência como monitor, nesta mesma disciplina, nos semestres 2017.1 e 2017.2, ministrada pela Profa. Dra. Luciane Germano Goldberg<sup>1</sup>. Estas experiências possibilitaram estar imerso na vivência e

---

<sup>1</sup> Arte-Educadora. Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Educação Ambiental (2004) e Licenciada em Artes Plásticas (1999) pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG - RS. Professora Adjunta da Universidade Federal do Ceará - Departamento de Teoria e Prática de Ensino - Faculdade de Educação. Professora do Programa de Mestrado Profissional em Artes, PROF-ARTES, Linha de Pesquisa: Processos de Ensino, Aprendizagem e Criação em Artes. Líder do Diretório de Pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA). Coordenadora do projeto de Pesquisa "Ateliê do Iprede: experiência estética na 1ª infância no 3º setor" (PIBIC/UFC).

produção artísticas em ateliês, desenvolvimento de materiais gráficos, experiências formativas de jogos teatrais, organização de exposição e apresentação de trabalhos relacionados à mesma e à leitura de livros.

Complemento essas experiências com a realidade vivida na disciplina de Educação Estética, em curso no semestre de 2019.2, também ministrada pela referida professora e reflexões retiradas das vivências e desenvolvimento na atividade denominada linha do tempo<sup>2</sup> que analisa as experiências estético-artísticas dos estudantes durante a vida.

Sempre gostei muito de desenhar, nos meus tempos de criança, desde quando minha mãe lia revistas em quadrinhos para mim, eu ficava encantado com os desenhos de Maurício de Sousa e a Turma da Mônica, seja no verdadeiro prazer que sentia em riscar as paredes de casa, até que garanti cadernos pequenos em que uma folha vazia era um terreno fértil para cada risco, cada desenho que significava um sentimento, uma inquietação. Agradeço que, dentro das limitações econômicas de uma família de classe média baixa, tive dentro de casa subterfúgios para que, de alguma forma, a sensibilidade se desenvolvesse, agradeço ter sido despertado por esse prazer que é desenhar. Continuo desenhando até hoje.

Em minha vida escolar, afora alguns momentos (poucos momentos) de encorajamento a alguma habilidade artística, no geral a escola não foi, de longe, minha principal referência neste conceito. A “educação artística” foi pobre de qualquer noção e, por incrível que pareça, outros professores de outras matérias como Língua

---

Colaboradora do programa de Extensão "Ateliê do Iprede" (ICA/FACED/IPREDE). Associada da Federação de Arte/Educadores do Brasil (FAEB). Experiência na área de Arte-Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: arte-educação, educação estética, histórias de vida, desenho infantil, pesquisa (auto)biográfica com crianças, direitos das crianças e dos adolescentes, arte-educação-ambiental, educação ambiental. Informações coletadas do Lattes em 21/12/2019.

<sup>2</sup> A Linha do tempo teve a sua primeira experiência em 2008, na disciplina de Fundamentos e História da Arte-Educação, no Curso de Pós Graduação em Arte e Educação Lato Sensu da Faculdade 7 de Setembro, na cidade de Fortaleza-Ce, desde 2011 e atualmente a atividade está sendo desenvolvida no Curso de Licenciatura em Pedagogia (Faculdade de Educação-FACED) e em Teatro (Instituto de Cultura e Arte - ICA) na Universidade Federal do Ceará- UFC. O objetivo da atividade é estudar o histórico do ensino de arte no Brasil tendo como reflexão inicial as narrativas de cada estudante em relação a sua experiências estéticas durante a sua vida. As etapas da atividade consistem em: (1) o estudante deverá elaborar individualmente fora da sala de aula, uma espécie de inventário contendo informações focando experiências formativas em arte durante a sua vida pregressa até a contemporaneidade e logo após através de uma apresentação de forma livre, partilhá-las com o restante do grupo; (2) os expectadores farão uma análise crítica do que foi compartilhado através da feita de uma síntese reflexiva; (3) A turma fará o estudo do Histórico do Ensino de Arte e através disso poder relacionar com as apresentações e reflexões das linhas do tempo; (4) Elaboração de análise textual contendo análise geral das apresentações da linha do tempo, análise individual da sua linha do tempo e auto-avaliação, e análise crítica relacionado com o histórico do ensino de arte no Brasil. Goldberg e Bezerra (2012).

Portuguesa e História me fizeram produzir mais obras com um cunho estético como forma de avaliação que nas aulas de Arte, respectivamente, uma representação diferenciada da bandeira nacional em uma crítica aos crimes ambientais no Brasil (que como notado, a reprodução deste desenho, feito em 2016, não é o original, mas se baseou no desenho feito por mim no período de Ensino Fundamental está fazendo a abertura deste capítulo) e uma revista em quadrinhos relatando um período histórico específico.

Mas, de longe, a escola não me instigou para uma melhor formação artística e estética, nem de alguma forma ela fazia parte de uma predominância nos currículos, se via por acaso. É oportuno esclarecer que em minha formação escolar a estética inexistiu completamente, meus professores de “Arte” eram os mais mecânicos e conteudistas possíveis, as aulas se resumiam na concepção das vanguardas europeias e atividades desconexas com os interesses e formação estética dos estudantes o que eu vi mais próximo de atividades estéticas foram em alguma ação isolada de professores de outras matérias como Língua Portuguesa e História que de alguma forma valorizavam o fato de gostar de desenhar e de alguma forma traduzir isto em meu aprendizado.

Apesar de esperar que a Educação Estética estivesse também de forma interdisciplinar nas disciplinas escolares, como o que de alguma forma ocorreu nos meus relatos, ela aconteceu ao acaso e de forma pessoal do professor. Tanto que nas valências de uma disciplina e outra onde uma é mais importante do que outra nas formações, a escola acabou me afastando das experiências estéticas, sensíveis e significativas e o que provocou, desde o final do ensino fundamental, até o ensino médio, um grande vácuo de produções artísticas. Os desenhos já não eram tão frequentes, afora alguns desenhos pequenos nos cantos de caderno para relaxar ou gravar informações para estudo. Somente viria a me re-despertar nas aulas de Arte e Educação na graduação em Pedagogia na UFC.

Dentro das variadas experiências, vivências e sentimentos que me impulsionaram para a construção deste trabalho, um deles foi a leitura de um livro denominado “Por que Arte-Educação?”, de João Francisco Duarte Júnior (1988) que gerou um questionamento acerca do ensino de Arte, como ele é enxergado a critério de importância frente a outros saberes, de como os saberes estão cada vez mais fragmentados, gerando uma formação utilitarista, segundo os ditames do mercado de trabalho, e de como o ensino de Arte, dado ao considerado menor peso frente a outros saberes constituintes na formação escolar, contribui em uma Educação Estética alienada

e vista como uma atividade de passatempo e que não tem um fim em si mesma. Diante disso, o intuito deste trabalho é apresentar estas problemáticas e, ao mesmo tempo, ressaltar a importância da Educação Estética para a formação de um indivíduo crítico.

Continuando as considerações sobre as justificativas deste trabalho, é necessário tecer explicações sobre como se chegou à abordagem desta temática, onde de fato a problemática aparece nas escolas brasileiras, sobre a percepção de como o ensino de Arte é considerado e de como as práticas deste ensino são desenvolvidas, assumindo um papel castrador, com conteúdo empobrecido e explorado de forma totalmente distante da realidade dos estudantes, permeada de atividades que exploram a reprodução, podendo a criatividade e a liberdade artística desses estudantes, e aonde é típica a abordagem instrumentalizada dos processos, estas mesmas atividades geralmente não possuem um caráter formativo e nem têm um fim na própria atividade, sendo encaradas como mero passatempo.

Aliás, o título deste trabalho se inicia com um verdadeiro grito de militância a favor da maior valorização do ensino de Arte e de uma promoção de uma verdadeira formação estética: “A Arte não é passatempo”, dada essa problemática, este trabalho foi iniciado a fim de explicar o que ocorreu, com base em Barbosa (2012), Goldschmidt (2004), Duarte Júnior (1996) e Marx (2004), para que hoje encontremos essa realidade nas escolas brasileiras que também é fruto de todo um senso comum de uma sociedade. A Arte, enquanto propulsora de criatividade, de revolução, de imaginação, de transformação, tradução dos sentimentos e do nosso mundo, precisa ser levada ao alcance de todos, pela capacidade criadora e revolucionária que a Arte é capaz de traduzir em diversas formas, formando indivíduos com mais percepção e sensibilidade através de uma formação estética nas nossas instituições escolares. Por que tão estigmatizada em nossa sociedade?

Acreditamos que, através da Educação Estética, é possível a construção de um ser humano crítico, capaz de entender sua realidade e a de seu meio e conseguir meios de transformá-los para melhoria de todos os que vivem nela. É preciso, antes disso, derrubarmos algumas falácias a respeito da arte e de como ela contribui para o seu ensino no nosso país, entender a origem destas falácias, e mostrar que elas têm a ver com o processo de exclusão das massas a todo um repertório de formação estética a que não se pode ter acesso. A Arte não deveria ser somente para “eleitos”, nem “artigo de luxo”, mas estar ao alcance de todos, enquanto um direito, como a livre expressão de que todos têm acesso, mas que nem todos possuem consciência disto, pois

historicamente, culturalmente e economicamente a Arte sofre uma ruptura se colocando como algo distante das camadas populares, que só se limitam a usufruir de uma cultura de massa em que as classes das elites detêm o seu controle.

Para a construção deste tema, este presente trabalho incide sobre dois aspectos: de como a Educação Estética pode contribuir para a formação de um ser humano crítico, tanto de si como de sua realidade e de seu meio social, analisar sobre uma perspectiva histórica e cultural sobre como a nossa formação estética foi construída em nossa sociedade e em nossa educação e refletindo a visão que está se problematizando aqui, do tratamento de um valor secundário a Estética na formação do indivíduo.

Desta forma, minhas principais inquietações residem em questionar, por que um conteúdo tão vasto e que pode contribuir de maneira tão importante para o desenvolvimento do ser humano como a Arte, em suas diversas formas de expressão, não se traduz de forma efetiva e prática nas escolas? O que acontece com o ensino de Arte nas escolas que se estabelece de forma tão equivocada e limitada?

A partir de uma percepção pessoal encontrada nas experiências artísticas vividas e compartilhadas por colegas na universidade, se vê que a escola é um espaço em que o ensino de Arte é desvalorizado, equivocado e empregado de maneira simplista. Diante desse quadro, nos interessa refletir sobre o porquê destas problemáticas, buscando ressaltar a importância de uma formação estética que contribua de maneira positiva no desenvolvimento do ser humano em todos os aspectos e em especial na contribuição da capacidade estética em favor da formação de um ser humano crítico. Assim, conforme já mencionado, este trabalho tem a intenção de poder contribuir em uma formação que realmente faça agregar aos educadores e educadoras, o conhecimento estético em sua totalidade e em sua essência para a formação de um ser humano de forma integral, e não de forma parcial, como se traduz a educação como um todo e particularmente no ensino de artes, tratada de forma instrumentalizada e fragmentada.

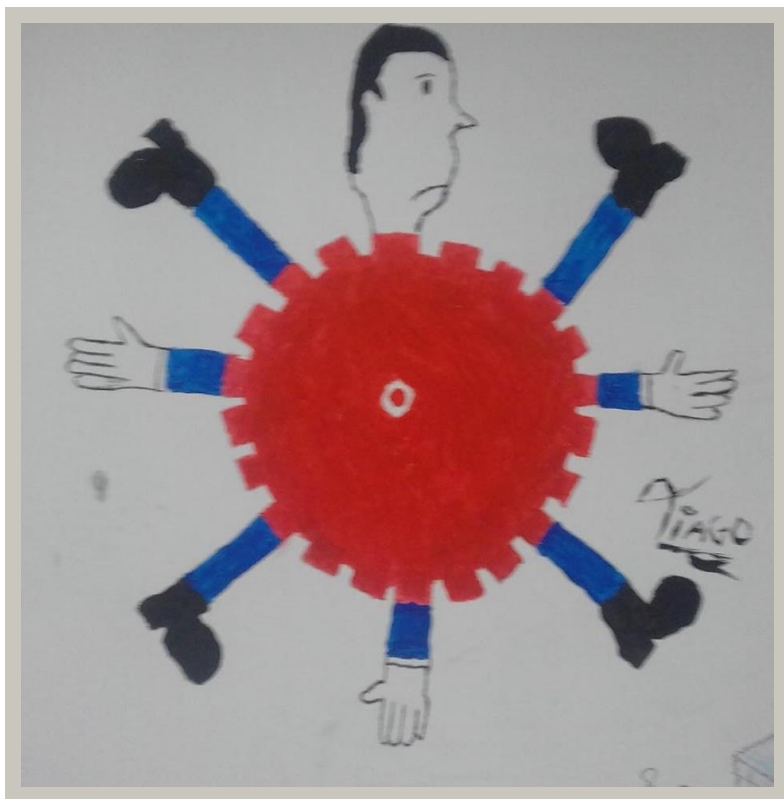
Este trabalho quer vir de encontro ao pensamento que impera nas escolas, a visão de que a formação estética e o ensino de Arte são meros passatempos, onde são assimiladas pelos estudantes por meio de atividades instrumentais e/ou atividades de reprodução que possuem pouco ou nenhum sentido formativo, ou o mais grave, o ensino de Arte é visto como uma educação mais “leve”, “fácil” para o aprendizado, já que o seu sentido real é perdido, sendo colocado à margem de outras disciplinas consideradas mais importantes para a educação encomendada pelo capitalismo, a fim de atender as demandas do mercado de trabalho e do capital, onde a formação estética é considerada

de valor secundário para a formação de um indivíduo produtivo para o mercado de trabalho.

Importante refletir que o contato com as mais variadas linguagens artísticas, pelas várias formas que elas possam ser traduzidas e entendidas pelo indivíduo, podem contribuir para uma maior sensibilidade, percepção da realidade e a ampliação da imaginação, que são facilitadores da observação, compreensão, questionamento, transformação e contestação do meio social e de si próprio. Será também analisado neste trabalho como o ensino da Arte é abordado nas diferentes classes sociais na história do nosso país, apresentando como um fator preponderante o dualismo educacional.

A formação estética merece mais espaço e valor nos currículos, e o mais importante, na prática e formação docente, portanto, desejo com este trabalho, lançar uma reflexão sobre a importância da Arte como componente formador, a partir do contato com experiências estéticas, podendo nos fazer indivíduos mais inteligentes, não só no aspecto cognitivo, mas em outros aspectos que vão além disto e não se dá o devido valor. Este trabalho tem uma pitada de utopia, mas o que seríamos de nós se não acreditássemos para além de nossas vãs realidades? Temos o dever de acreditar nas utopias, pois elas nos fazem crescer, nos mexer e evoluir.

Tomando por base, várias destas inquietações que, de alguma forma, irão construir este trabalho, a partir dos objetivos propostos, o primeiro capítulo apresentará uma compreensão histórico-cultural do ensino de Arte em nosso país para que assim entendamos melhor a problemática apresentada, a seguir, no segundo e terceiro capítulo, respectivamente abordaremos alguns autores a respeito da análise e reflexão dos equívocos relacionados a nossa formação estética e a compreensão da importância da Educação Estética para a formação do indivíduo crítico e de como a mesma contribuirá para a construção deste “ser” e por fim, no último capítulo, apresentaremos a importância da formação estética de educadores com saber estético para formar indivíduos mais críticos.



*“Na escola é que começamos a deixar de ser nós mesmos.”*

*A.Fournier*

## 2. ANÁLISE HISTÓRICA E CULTURAL DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL

Para compreender um fenômeno e problematizá-lo, temos que analisar sobre os mais diferentes aspectos e aqui, especialmente, vamos compreender sob uma lente histórica, cultural, sociológica e política o porquê do ensino de Arte na educação do Brasil, terem este aspecto marginal nos currículos, sendo ainda visto com importância secundária na formação do indivíduo, tornando-se um ensino meramente simplório e instrumental. Reconhecemos a recente revisão desta máxima em novos documentos, artigos científicos, legislações, mas que o caminho para uma sedimentação da Arte como educadora, da formação estética como importante na formação do sujeito, precisa ser feito na prática e para isso que este trabalho se propõe, abrindo espaço para a reflexão da problemática e da abertura para novas práticas.

Somos produto de nossa cultura e assim sendo, solidificamos processos culturais nos mais diversos espaços/tempos e caracterizamos nossa sociedade, e isso influi na forma como vivemos e também na forma como aprendemos, Alceu Amoroso Lima (1956, p. 101.) fala sobre a relação brasileiro/Arte: “brasileiro tem uma tendência natural muito maior para as artes do que para as ciências, para a imaginação do que para a observação”, mas então porque há tanto estranhamento entre as artes e o brasileiro? Isso se explica com a história, para isso o nosso “Era uma vez”, começa a partir dos primórdios da educação no Brasil, em que as primeiras práticas de educação se deram através dos jesuítas. Teremos como base os estudos de Iavelberg (2017) Goldschmidt (2004) Barbosa (2012) e Ferraz e Fusari (2009).

A educação jesuítica também tinha a modalidade denominada *Ratio Studiorum*, o equivalente ao ensino secundário. O *Ratio Studiorum* se estabelece em um conjunto de normas e saberes baseados no catolicismo com o intuito de ensinar de acordo com práticas educativas de modo proselitista. Somente seriam educados pelo *Ratio Studiorum*, integrantes das elites e se não, somente os aceitos para exercer o trabalho do sacerdócio. O que era ensinado pelo *Ratio Studiorum* era gramática, retórica e dialética (trivium) e artes literárias, gramática, retórica e dialética (quadrivium) A educação dos nativos, no caso os indígenas residentes no país, era realizada nas denominadas missões, que se baseava em um ensino de catequização, a formação era basicamente em trabalhos manuais, formação de artesãos e de mão de obra para trabalhar em áreas fabris, conforme Ferraz e Fusari (2009).



No geral, o ensino de Arte na educação jesuítica se resumia à literatura, música, coral e teatro, que eram oferecidas pelo *Ratio Studiorum* e atividades manuais que consideravam de segundo plano para a educação de nativos e escravos. O caráter do ensino era proselitista e o ensino não era organizado, mas a Arte assume um papel de integração à formação nas diretrizes cristãs caracterizando certo utilitarismo. Por alvará em 28 de junho de 1759, Marquês de Pombal baniu os jesuítas do Brasil e a educação não estaria mais sob a orientação da Igreja, neste alvará estaria instituída que a educação daqui para frente seria obrigação do Estado, assim nasceram às denominadas aulas régias, uma educação leiga, não pertencente à Igreja e restrita às elites. Apesar de o alvará citar que a educação seria um direito público, isso não se fez concreto na época, o ensino de Arte nas aulas régias se resumia em ensino de desenho.

Mais tarde, com a vinda da Família Real Portuguesa ao Brasil, tivemos uma mudança na educação, principalmente pela implantação de universidades para sinalizar o novo status da colônia portuguesa, assim o ensino superior era fortalecido e o ensino de Arte passaria por uma transformação, mas neste cenário a educação continuaria a não ser para todos, e sim destinada às elites, para as fortalecerem culturalmente. Nesse aspecto restritivo se relegava ao segundo plano o ensino primário e secundário, imaginando ser mais importante o ensino superior, o ensino de Arte no Brasil se limitava a este. Já dizia Paulino de Souza em 1870 *apud* Barbosa (2012) “o ensino superior é a fonte do ensino primário”, “é universidade que faz a escola”, assim sendo o pensamento brasileiro de educação se norteou pelo fortalecimento da educação superior (p. 16).

A formação estética nos tempos de Brasil-Colônia era importada da França com o seu neoclassicismo, outro motivo para o estranhamento do povo com a Arte, é que além de um caráter restritivo, que só pertencia às elites, o neoclassicismo importado dos franceses, pouco tinha a ver com uma identidade nacional, outra característica política importante para a repulsa do que representava a Arte para as camadas populares, segundo Barbosa (2012, p.17.) era o fato de que os franceses representavam a figura de Napoleão Bonaparte, e todos os membros franceses da Academia de Belas-Artes, principal escola de artes no Brasil, eram bonapartistas. E estes caíram em desgraça com a queda de Napoleão e o restabelecimento do domínio das terras portuguesas pelos Bourbon, alguns professores de Arte acreditavam fugir das perseguições antibonapartistas na Europa, o que acabou não acontecendo. Assim também fala

Barbosa (2012, p.18): “Entretanto, era Bonaparte nesta época, no Brasil, a figura mais agredida pelas publicações da recém-criada Imprensa Régia.”.

Assim, diante deste quadro exposto, as influências políticas determinaram bastante na configuração de um quadro de estranhamento e preconceito contra o ensino de Arte no Brasil.

Como a história já registra, a Família Real Portuguesa foi obrigada a deixar o seu país com receio da ameaça bonapartista que ameaçava a Europa e ambigualmente a corte portuguesa patrocinou a vinda de artistas franceses, já que estava em alta a estética e as belas-artes francesas, mas isso nunca agradou politicamente a sociedade do Brasil-Colônia, o que provocou certo afastamento e repulsa pelos franceses e o que eles representavam.

Outra razão para o estranhamento com a Arte no Brasil-colônia era de ordem estética, tínhamos outro estilo estético que representava a nossas características, a tradição estética em alta na época era o barroco-rococó, mas para simbolizar o *status* da principal colônia de Portugal e a vinda da corte, teríamos de importar de maneira abrupta todas as características do neoclassicismo francês, o que de fato não tinha nada a ver com a identidade nacional. A Arte assume assim, papel de estranhamento pelas classes mais populares, representado por uma ruptura no aspecto de classes sociais.

O então barroco era discriminado, seus artistas no geral de origem popular, não eram reconhecidos como artistas, o neoclassicismo imposto do dia para a noite como um decreto só encontrou algum tipo de preferência pelas elites e na pequena burguesia.

O barroco, que foi importado de Portugal, já nesse momento com influência das camadas populares brasileiras já constituiria esta manifestação estética como tipicamente brasileira e este processo de substituição pelo neoclassicismo e ruptura pela arte colonial agravou ainda mais o afastamento das camadas populares em relação à Arte. Como já mencionado, o barroco passou a ser visto como manifestação de segunda classe, pois representava as camadas populares, não era de interesse das elites se agregar a esta imagem, sendo devidamente marginalizado frente à influência francesa do neoclassicismo, era preciso a influência do que tinha de melhor em Arte como formador de uma cultura considerada superior, mas isto ajuda a explicar como a Arte se distanciou do seu povo e se tornou assim cada vez mais elitizada. Assim como nos diz Barbosa (2012, p. 20):

Afastando-se a arte do contato popular reservando para *the happy few* e os talentosos, concorria-se, assim para alimentar um dos preconceitos contra a

arte até hoje acentuada em nossa sociedade, a ideia de arte como uma atividade supérflua, um babado, um acessório de cultura.

Assim, diante deste contexto, até hoje vemos o quanto a Arte tem um distanciamento das camadas mais populares e que as suas manifestações artísticas e culturais são marginalizadas, sendo julgadas como “não-arte”. A elitização da Arte tem uma explicação histórica e política, afastar a manifestação artística das camadas populares, tirando do povo sua capacidade de expressão, de criação, a capacidade de reinventar-se, de se traduzir e se identificar.

No Brasil-Colônia de Dom João VI, em 1816 foi criado o ensino artístico com a fundação da Escola de Ciências, Artes e Ofícios no Rio de Janeiro, considerada pelas legislações da época sem importância em si própria e sim um instrumento para o melhoramento de outros aspectos considerados mais importantes, ou seja, o ensino de Arte assumiu um papel secundário de mero utilitarismo. A Arte era de alcance das elites e também o seu ensino, em uma sociedade que descarta sua manifestação estética característica e importa outra totalmente sem identificação e de distância com a identidade local, também assume um papel descaracterizado de sua origem e assume um papel contrário, criando relações artificiais. A Arte se manifestava nesta sociedade como mero adorno e demonstração de *status*, restava apenas a Arte assumir este simplório papel de distinção e demonstração de refinamento que trabalhava a serviço da aristocracia e que pouco age como transformador social e econômico, a mera artificialidade que Von Martius, chamava a atenção para a ilogicidade de ensinar Belas-Artes num país onde faltavam alicerces de civilização e também de economia que lhe eram necessários. *Apud*. Mário Barata *In* Holanda (1967, p. 413.).

Depois da abolição da escravatura e da proclamação da República vemos algumas mudanças como consequência destes acontecimentos históricos, mas nada tão revolucionário. No início do século XX, segundo Barbosa (2012), tivemos certas transformações das ideias políticas, filosóficas, pedagógicas e estéticas que culminariam na própria Abolição e na Proclamação da República que refletiriam sobre o ensino de Arte nas escolas primária e secundária, já o Ensino Superior não sofreu nenhuma transformação, já que o modelo seguia o padrão da Escola Nacional de Belas-Artes, que seguia adotando o seu modelo arcaico. Não devemos, no entanto, ter muitas expectativas sobre o ensino de Arte nas escolas primárias e secundárias, pois se resumia apenas ao ensino de desenho, ainda sim como caráter utilitarista e instrumental, a serviço de outras capacidades e áreas consideradas mais importantes.

O utilitarismo do ensino de desenho continuaria a ser seguido principalmente depois da Revolução Industrial, da qual este era um das demais capacidades a serem ensinadas para o melhor aproveitamento no mundo do trabalho, os liberais eram os maiores propulsores destes ideais como Spencer, um utilitarista inglês resume o ensino do desenho como importante para “abrir a população, em geral, ampla, fácil e eficaz iniciação profissional, ou seja, quanto melhor a capacitação da sociedade, mais chances ela tem de ser mais próspera economicamente falando, isso limita a Arte em um mero instrumento de capacitação profissional assumindo um caráter objetivamente e meramente técnico. Sobre este utilitarismo de Spencer, implementados pelos liberais brasileiros, convém citar Goldshmidt (2004, p.28.) “Objetivavam, através do ensino de desenho, conduzir a iniciação profissional da população. Sob um discurso democrático e igualitário reforçavam a divisão de classes sociais e a formação de mão-de-obra qualificada para o trabalho.”

No Brasil o principal liberal a propagar e a implementar a importância do ensino no desenho nas escolas como capacitação foi Rui Barbosa assim, por meio dos pareceres sobre a reforma do ensino secundário em 1882 e a reforma de Leôncio de Carvalho em 1883 foram apresentados projetos para a educação no Brasil, em que as ideias de Rui Barbosa influenciaram muito a sociedade brasileira no início do século XX. Ele acreditava que na prosperidade do país através da economia, a indústria teria um papel importante, e para isso teríamos de capacitar e educar o povo para criar um ciclo virtuoso de crescimento. Rui Barbosa se inspirou no modelo americano de ensino de Arte, tendo os Estados Unidos como um modelo de economia e sociedade próspera. Para ilustrar o pensamento de Rui Barbosa (apud. Goldschmidt 2004) citaremos o próprio em seu discurso em 1882 no Liceu de Artes e Ofícios, fundado inclusive pelos liberais em 1856. “O dia em que o desenho e a modelagem começarem a fazer parte obrigatória do plano de estudos na vida do ensino nacional, datará o começo da história da indústria e da arte no Brasil” (p.29.).

A Arte seguia seu caráter utilitarista e instrumental em seu ensino, o que explica até hoje o seu distanciamento com a criatividade e a expressão, sempre sendo instrumento para o desenvolvimento de outros aspectos e no auxílio a outras ciências consideradas mais importantes. Pela influência liberal ela se traduzia na preparação para o mundo do trabalho, mas apresentamos outra grande influência no ensino de Arte no Brasil, o Positivismo que, por sua vez, usava o ensino de Arte como instrumento de auxílio à ciência e outras matérias mais importantes como Matemática, Geografia e

Português. Enfim, nada é por acaso, esse sistema de ensino de Arte perdurou vários anos e ainda tem consequências na formação de indivíduos distantes de uma Educação Estética que realmente se utilize da Arte pelas suas próprias capacidades.

A influência do Positivismo do nosso país perdura até hoje e está escrito em nossa bandeira “Ordem e Progresso”, logo após a proclamação da República os positivistas procuraram de todas as formas criarem novas concepções que distanciavam da mentalidade da Monarquia que foi deposta, que sejamos francos, através de um golpe de estado, a mentalidade positivista assume o papel de nova diretriz do pensamento da recém República proclamada e assim, grande reformas atingiram a todas as instituições do país, entre elas as instituições militares, políticas, religiosas e educacionais.

Esta última sofreu influência de um grande positivista chamado Benjamin Constant, segundo Barbosa (2012), o então ministro da Instrução, Correio e Telégrafos elaborou a primeira reforma educacional que levou o seu nome. Aprovado em novembro de 1890, o decreto atinge todas as instituições de ensino no Brasil, assim o ensino de Arte passaria por uma reorganização. A nova concepção positivista considerava que a Arte deveria servir à Ciência, assim diz o positivista Martins Junior (apud, MACIEL DE BARROS, 1959 p. 141.), “a arte de hoje, creio, se quiser ser digna de seu tempo, digna do século que deu ao mundo a última das seis ciências fundamentais da classificação positiva deve ir procurar suas fontes de inspiração na Ciência”.

Outra característica do ensino de artes implementado pelo positivismo é a retirada do caráter individual, colocando a Arte meramente como fenômeno social. Assim diz Vicente Lícínio Cardoso (apud. Barbosa, 2012, p.74) pensador da arte positivista no Brasil “A Arte é o meio de expressão através do qual os organismos sociais se manifestam.”.

No início do século XX temos uma vanguarda pela obrigatoriedade do ensino de Arte no ensino primário e secundário, mas como já dito antes os ensinamentos de desenho assumiam um caráter utilitarista e técnico. Para mudar esta realidade, temos com o passar dos tempos uma mudança de pensamento referente ao ensino do desenho como afirma Barbosa (2012 p.36), que expõe um novo julgamento que agora passa a entender o desenho como forma de escrita e menos como uma arte plástica.

Esta identificação do desenho com a escrita ultrapassou as barreiras do modernismo, foi argumento não só para tentar vencer o preconceito contra a Arte como também argumento para demonstrar que a capacidade para

desenhar era natural aos homens ou, pelo menos, acessível a todos e não um dom ou vocação excepcional.

Aqui vemos uma tentativa de mudança de paradigmas relacionados à Arte e seu ensino no Brasil e assim construir novos olhares, uma destas tentativas foi a famosa Semana de Arte Moderna de 1922 que certamente foi um grande marco e revolucionou a produção e, como consequência, o ensino de Arte no Brasil. Ideias baseadas na imaginação, expressão, originalidade, passaram a ser colocadas em evidência, assim abrindo um novo marco em relação as manifestações estéticas no país. Dentro dessa atmosfera revolucionária no campo das artes e o desejo de uma educação mais progressista, educadores propuseram um modelo de educação que em sua realização a Arte assumia um papel preponderante, o manifesto da Escola Nova em 1932, que falava em uma escola pública, laica, gratuita, e propunha a ruptura com modelos de educação tradicionais, e um ensino de arte reconfigurado com grande influência do Modernismo voltado para o aluno e a livre expressão para a formação estética do indivíduo, teóricos como Victor Lowenfeld, Herbert Head, John Dewey influenciaram o escolanovismo no Brasil, Goldschmidt (2004).

Para entender o escolanovismo, é importante citar Goldschmidt (2004):

Educação Nova ou Escola Nova, movimento que se expande na Europa no início do século XX, orientando o trabalho educativo no sentido de privilegiar o ensino ativo, no qual é preservada a liberdade do aluno, em detrimento de um ensino intelectualista. A educação deve corresponder aos interesses e às necessidades do aluno e a aprendizagem se dá pela resolução de problemas e não somente pela transmissão de conhecimentos. (p. 23.)

Para contextualizar sobre a influência do escolanovismo na educação e de como este considerava a Arte como importante elemento para o seu desenvolvimento, é importante citar os seus mais importantes pensadores como Herbert Read que publica no ano de 1942 o livro intitulado 'Educação pela Arte', onde faz críticas e questiona o modelo de pedagogia tradicional, que valoriza mais os conhecimentos intelectuais do que as emoções e sentimentos, assim como este trabalho procura refletir. Read defende a Arte como presente na educação, mas não como mero elemento curricular, e sim que a Arte assuma a base de toda a educação. Read (1968) se preocupava com o fato da humanidade naquela época estar indo por um caminho não tão digno, e que para resgatar a sua dignidade, a educação deveria respeitar a Arte com toda a sua verdade e

beleza. Assim a Educação Através da Arte, baseada nos pensamentos revolucionários de Read, encontrou algumas manifestações no Brasil junto com a Escola Nova.

No início dos anos 30, são criadas as primeiras escolas especializadas em Arte para o público infanto-juvenil e surgiu no ano de 1948 as Escolinhas de Arte do Brasil, uma iniciativa de um grupo de artistas e educadores, dos quais se destacam o pintor Augusto Rodrigues e a educadora Noemia Varela, todas as iniciativas inspiradas na Educação pela Arte, em ambos os casos ainda eram ensinamentos extracurriculares, Goldschmidt (2004).

O Brasil viveria uma transformação drástica no campo político que afetaria a educação consideravelmente e, por consequência, o ensino de Arte e como ele iria ser enxergado, em 1º de Abril de 1964 viria a se concretizar um golpe de estado que culminaria em um regime de exceção no país, a ditadura civil-militar, que pôs fim naquele momento a qualquer ideia progressista que estava sendo ensaiada, a exemplo do ensino de Arte inspirado pelo escolanovismo.

Em 1971 foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 5.692/71, que tornou a educação artística como “atividade” obrigatória no primeiro e segundo grau, antigas denominações que, respectivamente, queriam dizer para hoje, o ensino fundamental e médio. Apesar da garantia de obrigação da educação artística legitimado por esta LDB, o modo em que era praticado nas escolas contribuiu para que fosse marginalizada no currículo e não encarada com a seriedade que deveria ser, pois era vista apenas uma atividade, Segundo Ferraz e Fusari (2009, p. 52) “Pouco se preocupavam com o conhecimento de linguagens artísticas, que se transformam em meras atividades”, não havia sequer preocupação com a contextualização da Arte, nem da menção a história da Arte, assim surge a Educação Artística. Eis o artigo 7º da Lei 5692/71 *apud* Brejon (1975 p. 133):

Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observando quanto a primeira o disposto no Decreto - Lei nº 869 de 12 de outubro de 1969.

Importante dizer com isto é de que, apesar do estado brasileiro tornar obrigatório o ensino de Arte nas escolas, ele ao mesmo tempo não se preocupou com a formação de professores qualificados para o ensino de Arte nestas escolas, pois não existiam sequer cursos superiores de formação de professores especializados em Arte no país, a solução que o estado de exceção procurou foi a criação de licenciaturas curtas em Arte, com

duração de dois anos, que formariam professores polivalentes na área (Artes Cênicas, Artes Plásticas, Música e Desenho geométrico). Já dar para imaginar que o estado brasileiro de acordo com a sua concepção do que considerava Arte e para o que ela serviria, tinha uma concepção muito simplista e resumia bastante o que era considerado todo o conhecimento na área artística, mas que, mesmo assim, é bastante conhecimento para se formar em dois anos de maneira aligeirada.

Os professores polivalentes na área de Arte saíam com um déficit formativo enorme e aí se pergunta qual o grande problema neste grande equívoco histórico? A concepção de um ensino de Arte totalmente desvalorizado e que acredita que pela Arte ser considerada apenas uma atividade pelo estado brasileiro, qualquer pessoa poderia ensiná-la, em se tratando das consequências derivadas disto, criam-se variadas aberrações pedagógicas que tornaram o ensino de Arte brasileiro um punhado de situações ridículas que culminariam na formação deficitária tanto no caráter cognitivo, quanto no caráter estético (Barbosa, 2008).

Com o passar dos anos esta problemática vinha sendo questionada no ensino de Educação Artística, como a formação dos professores que não tinham especialização e que acabavam por utilizar apenas do que seus livros didáticos nos quais o Estado determinava o que era considerado a Arte e seu ensino dispunham, e assim este ensino se estabelece de maneira extremamente equivocada, o que contribuiu para que o ensino de artes no Brasil fosse tão desvalorizado.

Nos anos 80, associações de professores e pesquisadores do ensino de Arte começam a aparecer como verdadeiros militantes em busca de cursos superiores na formação de licenciados no ensino de Arte, para a luta de uma formação de profissionais realmente capazes de educar para a Arte nas escolas brasileiras, e assim surgem as primeiras licenciaturas plenas em artes com habilitações em Artes Plásticas, Artes Cênicas e Música, mas, além disto, estes mesmos professores e pesquisadores se posicionaram em favor que isto também viesse acompanhado de novas concepções de ensino e que contribuíssem em uma educação artística mais satisfatória, como nos coloca Barbosa (2009).

Com o fim da ditadura civil-militar e a redemocratização, cobram-se novas leis que determinavam a educação em um país que voltava a respirar ares democráticos, uma LDB de um estado autoritário não combinava com a nova concepção de país idealizada pelos brasileiros. Veio a LDB de 1996, onde a Arte ganhou mais espaço e com garantias de novas abordagens pedagógicas e outra visão de como a Arte deveria



ser ensinada, surgia assim uma nova ótica de como ensinar a Arte no Brasil, a Arte-Educação, um movimento que será mais bem explicado no seguimento deste trabalho. Apesar de a Arte ser incluída na nova LDB, tivemos na mesma a falta de especificação das diferentes linguagens artísticas (Artes Plásticas, Teatro, Música e Dança) o que causou uma série de equívocos que também serão explicados no decorrer deste trabalho.

Na era da redemocratização passamos por momentos distintos, de tempestade e bonança, dignos de uma democracia embrionária que pouco se estabeleceu em nossa história, passamos por Diretas Já, os “caras pintadas”, a renúncia de Fernando Collor, seguido de processo de impeachment, o Plano Real, o neoliberalismo<sup>3</sup> de Fernando Henrique Cardoso, o neodesenvolvimentismo<sup>4</sup> de Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, (mais um) golpe de estado, desta vez parlamentar, seguido de processo de impeachment de Dilma Rousseff, e o neoliberalismo de Michel Temer, então vice de Dilma que assumiu o cargo. Entre esse último episódio em que Temer assume a presidência da República. A educação passaria por algumas “novidades”.

Nestes tempos recentes, mais precisamente no ano de 2017 foi publicada a resolução CNE/CP nº 2, foi instituída a implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que a partir daí seria obrigatoriamente seguida pelas escolas brasileiras a fim de nortear e regulamentar as aprendizagens consideradas essenciais a serem trabalhadas e também estabelecer um currículo comum na tentativa de reduzir desigualdades educacionais. O ensino de Arte teria que se adaptar a mais um documento normativo.

Segundo Macedo (2014) a luta por um currículo comum foi uma grande luta empreitada por educadores desde os anos 80, e de fato uma unificação dos currículos seria importante para os rumos da educação brasileira no que se refere tanto para a democratização da educação como da unificação do currículo nacional com os currículos dos estados e municípios brasileiros, assim, atingindo um currículo único se

---

<sup>3</sup> Uma redefinição ou atualização do liberalismo clássico é um conjunto de ideias políticas e econômicas de ordem capitalista que defendem que o estado não deve participar da economia, e que deve haver total liberdade de comércio, assim com tais ações o neoliberalismo visa garantir o desenvolvimento econômico e social de um país.

<sup>4</sup> Política econômica que tem forte interferência estatal na economia e preza pelo crescimento da produção industrial e infraestrutura e incentivo ao aumento do consumo, no Brasil foi impulsionado muito por conta dos programas sociais implementados como o exemplo do Bolsa-Família. Foi uma política econômica que marcou os governos presidenciais de Luiz Inácio "Lula" da Silva e Dilma Rousseff, Se caracterizou como uma política econômica reformista, já que não rompeu em definitivo com as políticas neoliberais, sobretudo tendo uma ampla base heterogênea de classes sociais para a manutenção desta política econômica.

tem uma maior facilidade de criar estratégias para a educação nacional baseado em um único padrão de currículo. A questão da crítica que será levantada em relação à BNCC e de como o ensino da Arte é por ela definida não vem do fato da Base estabelecer um currículo único, mas sim o contexto em que ela foi desenvolvida.

Como foram anteriormente citados, os acontecimentos políticos influenciaram muito no desenvolvimento da BNCC, em um contexto de impeachment e crise política, social e econômica, onde o neodesenvolvimentismo da era Lula-Dilma seria subitamente suplantado pela cartilha neoliberal do então vice de Dilma Rousseff, Michel Temer. Assim, sob forte influência de forças neoliberais, a BNCC foi construída, segundo os velhos ditames de como o liberalismo enxerga o papel da Arte em seu ensino, como mero instrumento do utilitarismo.

Apesar do avanço na BNCC que se refere à especificação das variadas linguagens artísticas (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro), um reparo no equívoco da LDB de 1996, a Arte perde o caráter de componente curricular específico e passa a ser um mero componente na área de Linguagens, nas palavras de Peres (2017) podemos ver como a influência do liberalismo em como compreende o papel da Arte pode acarretar no seu ensino sob a normativa da BNCC.

A Arte como um componente dentro da Área de Linguagem corre o risco de se tornar apenas uma disciplina acessória que ajudará a compreender determinado conteúdo de Língua Portuguesa ou de Literatura, acarretando na negligência de seus conteúdos próprios 31 que ajudam na reflexão e na crítica de objetos artístico-culturais situados em diversos tempos históricos e em diferentes contextos culturais. (p. 30-31).

Podemos considerar que a Base estabeleceu um processo de marginalização da Arte no currículo, onde se observa apenas um caráter utilitarista do ensino de arte em proveito de disciplinas consideradas mais importantes, retirando a posição de componente curricular específico, a BNCC empobrece a potência da Arte como conhecimento e retira o caráter crítico que justamente este trabalho visa chamar atenção.

Segundo Goldshmidt (2004, p. 17.):

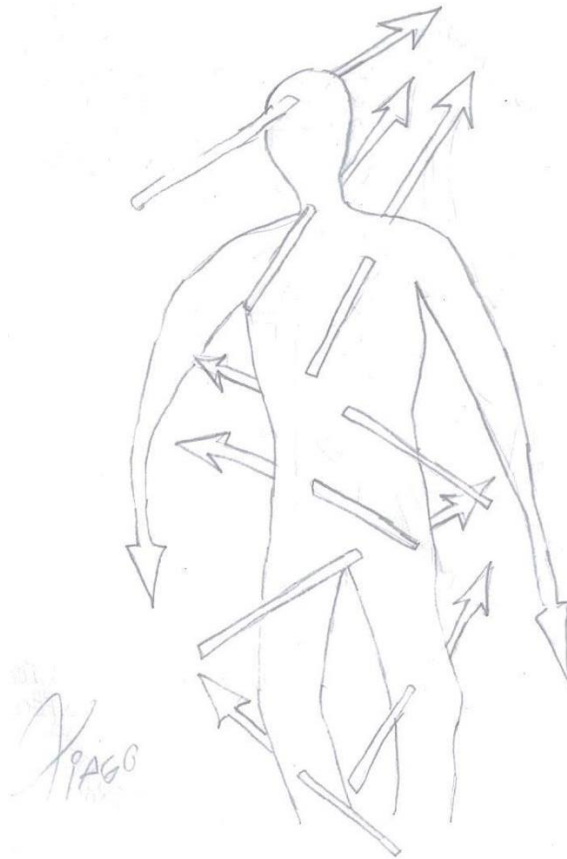
No âmbito da educação brasileira observamos que a inserção da arte no processo educativo está historicamente associada às políticas educacionais que geralmente são definidas de acordo com os interesses socioeconômicos,

que terminam por objetivar a formação de um homem cindido entre o fazer e o pensar, assim como entre o pensar e o sentir. Formação compatível com os princípios da educação burguesa para atender as necessidades da divisão social do trabalho que produz a cisão do próprio homem.

Observamos que a educação brasileira é historicamente dependente das políticas que, no geral, atendem a uma cartilha das elites econômicas e do capitalismo, assim como a Arte foi diretamente deslocada dos currículos onde o capital influencia a educação no modo do que é mais importante ser aprendido para formar indivíduos aptos e produtivos para o mercado, assim como a teorização do mercado que é baseado na cisão entre razão e emoção, a separação de quem pensa e quem faz em um sistema que normatiza a fragmentação das capacidades e dos saberes.

O contexto histórico do ensino de Arte no Brasil é um item de extrema importância neste trabalho, pois dele é que se norteará todo o desenvolvimento do mesmo, entendendo-se que a problemática exibida é reflexo de fenômenos históricos-políticos-culturais que construíram várias gerações e que constituem-se em uma problemática decisiva na má formação do ensino de Arte pelos brasileiros, reflexões sobre as quais iremos sempre dispor destes fenômenos como ponto de partida de uma análise mais profunda e procurar de fato inverter esta lógica que deprecia o ensino de Arte e colocar a Educação Estética como decisiva na formação do indivíduo de forma mais completa, com destaque para o desenvolvimento da criticidade deste indivíduo.

ANESTESIA



*Pane no sistema, alguém me desconfigurou  
Aonde estão meus olhos de robô?  
Eu não sabia, eu não tinha percebido  
Eu sempre achei que era vivo*

*Parafuso e fluído em lugar de articulação  
Até achava que aqui batia um coração  
Nada é orgânico, é tudo programado  
E eu achando que tinha me libertado...*

*Pitty, trecho de Admirável Chip Novo*

### 3. A ARTE NÃO É PASSATEMPO

Este trabalho começa com um título que vem como uma afirmativa, um grito de guerra pela importância da Arte na educação, a razão pela qual se diz aqui que a Arte não é passatempo, é poder ir de encontro sobre como o ensino da Arte historicamente vem sendo desvalorizado e tratado nas escolas com falta de seriedade, com atividades ocupacionais, mecânicas e sem importância, para justificar a presença do ensino de Arte no currículo, que em nada contribuem para os desenvolvimentos dos educandos.

Para poder mostrar a importância da Educação Estética em nossas formações, é preciso, antes, levar a sério a Arte, e não tratá-la com mero acessório de disciplinas consideradas mais importantes, como podemos ver no capítulo anterior todo um contexto histórico que justificou esta forma em que a educação no Brasil tratou o ensino de Arte. Vamos aqui acrescentar mais algumas problemáticas que justificam o quadro de não se tratar a Arte na educação como importante e depois ressaltar o grito de guerra em que se faz questão de iniciar este trabalho e a importância da Arte na construção de todo sujeito de forma global, conseqüentemente formando sujeitos críticos.

Para este capítulo, vai se recorrer ao auxílio de Duarte Júnior que foi inspirador para a realização deste trabalho, assim como ele, aqui se descreverá a preocupação com qual valor o ensino de Arte era considerado e o quanto de impacto causou na vida dos estudantes seguindo este modelo de escola, assim cito Duarte Júnior (1996, p. 11.):

Todos nós que passamos por uma escola tivemos a oportunidade (ou a obrigação) de frequentar “aulas de arte”. De uma forma ou de outra forma, aquelas aulas estavam lá: espremidas entre disciplinas que em geral eram consideradas “mais sérias”, ou “mais importantes”, para a nossa vida futura. Era preciso saber os teoremas de cor, os modos dos verbos, a localização da Patagônia, a data da Lei do Ventre Livre e o que significava sistole e diástole, se quiséssemos seguir adiante. Seguir adiante: cursar o 2º grau (Ensino Médio), um bom cursinho e entrar numa universidade. Na universidade finalmente aprenderíamos a ser um cidadão respeitável, um profissional que ao receber o diploma daria o último passo no aprendizado da seriedade. Devolvidos à sociedade seríamos então tratados por “doutor” e seríamos felizes, trabalhando seriamente em favor de nosso progresso e do desenvolvimento da nação.

Assim, temos o modelo de escola vigente sob a batuta do sistema capitalista e utilitarista, em que de forma instrumental os currículos seguem uma lógica para a formação objetiva do indivíduo para uma sociedade de mercado e não para a formação do indivíduo para si, assim os saberes são definidos para a utilidade de uma mão-de-obra no mundo do trabalho, então existe o julgamento de qual aprendizado é mais ou

menos importante para o bom aproveitamento do indivíduo nesta sociedade plenamente controlada pelo mercado e o capital. Goldshimdt (2004, p. 70 -71) relata bem esta relação do capitalismo em nossa formação e justifica algumas premissas da educação utilitarista e o que julga ser mais importante para a formação do que chamaremos aqui de um sujeito útil ao mercado, onde cita ainda Marx e um romance brasileiro de Orígenes Lessa para ilustrar esta relação:

Tanto quanto o cientificismo, a ideologia utilitarista opera no ser humano uma espécie de cisão entre razão e emoção – a emoção, os sentimentos sendo considerados como algo supérfluo, pois não ajudam a produzir riqueza econômica. Marx, em “O capital”, aponta esta cisão como um dos pontos-chave da economia capitalista, que relega o sentimento a um plano secundário em nome do próprio interesse das elites dominantes, à medida que sentir não ajuda a produzir lucro para elas. No romance brasileiro “O Feijão e o Sonho”, esta cisão é bem explorada: Maria Rosa, que era o “feijão” (espírito pragmático) vivia as turras com o marido, o poeta Campos Lara, homem idealista, sensível, culto, puro, espiritualizado, mas que “não dava um tostão em casa”. Sua irmã Creusa, que desejava tanto casar com um homem sensível e artista, como Campos Lara, casara com Gomes, um coronelão do interior, caipira, bruto, ignorante, mas que lhe dava uma vida confortável. E, num bate boca, após dizer pela enésima vez ao marido que poesia não enche barriga, Maria Rosa frisou:

- Sentimentos são muito bons, mas não servem para comer!

- Mas permitem que você escolha a comida – argumentou o poeta.

- Isso se você tiver dinheiro para pagar a comida – e Maria Rosa, fechando a cara encerrou a discussão.

Historicamente, a Arte em nossa sociedade é considerada um adorno, não uma ciência essencial para a formação do indivíduo, isso tem mudado nos últimos tempos, de forma bem tímida, pois ainda vemos a arte na educação numa posição secundária, em detrimento de ciências mais “sérias” e “úteis” na formação do indivíduo. O grande problema das novas concepções do mundo moderno influenciado principalmente pelo Iluminismo e pela Revolução Industrial, baseados pela razão instrumental e o positivismo causaram um processo de fragmentação de tudo e do desencontro do indivíduo com ele próprio e em nome do progresso construímos um processo de esquarteramento mental de nossas capacidades, onde a razão é considerada primordial e a emoção é considerada o empecilho, Duarte Júnior (2001). O nosso desenvolvimento do intelecto é prioridade, esqueçamos-vos de educar nossos sentimentos, ressalta Duarte Júnior (1996, p. 34.):

Assim, em nosso ambiente escolar, essa separação razão-emoção é não só mantida como estimulada. Dentro de seus muros o aluno deve penetrar

despindo-se de toda e qualquer emotividade. Sua vida, suas experiências não contam. Ele ali está apenas para “adquirir conhecimentos”, sendo que “adquirir conhecimentos”, neste caso, significa tão somente decorar fórmulas e mais fórmulas, mais teorias e mais teorias que estão distantes da nossa vida cotidiana. Por isso, pouca aprendizagem ocorre em nossas escolas [...].

O grande problema desta máxima é a formação de indivíduos inconclusos, estafados, que não sabem lidar com suas emoções, sujeitos reprimidos ou insensíveis. O que se quer mostrar aqui é que, para a formação de um sujeito crítico é preciso que ele desenvolva além das capacidades intelectuais e racionais, as capacidades emocionais e do sentimento e a Educação Estética e a Arte são excelentes formadores, pois consideram as duas capacidades, razão e emoção como formas complementares de formação do indivíduo, não tão somente para a sociedade, mas para ele próprio. É importante ressaltar que razão e emoção não devem ser considerados por uma cisão, eles são complementares, e que a verdadeira racionalidade deve convidar as emoções e os sentimentos, pois são inteligências que constroem a nossa razão. Justifica-se utilizar as palavras de Goldschmidt (2004, p. 49) “O homem ocidental encontra-se reduzido à condição de escravo de uma cultura voltada para o dinheiro, que suprime o desejo, entre eles o desejo de beleza”.

Não é a toa que hoje estamos vivendo em um mundo esquizofrênico, pois os indivíduos além de não desenvolverem as suas capacidades emocionais de forma plena, os tornando sujeitos insensíveis e frágeis emocionalmente, ainda possuem um intelecto cada vez mais setorializado, dada a fragmentação dos saberes impostos pelo paradigma moderno, pautado nos preceitos do capital e do mercado. A escola acaba virando uma academia para adestrar o indivíduo para este mundo fragmentado, daí temos a total falta de empatia e a não criticidade, por uma visão parcial de mundo, sujeitos padronizados para fazer parte da grande linha de montagem da sociedade de mercado. Afinal o que importa é que somos sujeitos feitos para produzir, não para pensar ou ter empatia. Não sentimos, refletimos e enxergamos a totalidade das coisas, por que não foi nos dado a compreender esta completude, como convém citar Duarte Júnior (1996 p. 34.) mais uma vez:

E para esta sociedade também não interessa a existência de pessoas com uma visão geral, do todo da vida. Pelo contrário: interessam indivíduos com uma visão cada vez mais setorializada, especializada, do mundo. O médico só entende de medicina, o economista de economia, o psicólogo de psicologia e assim por diante. E mais: dentro da medicina por exemplo, criam-se ainda mais especializações, fracionando o organismo humano – o cardiologista vê

apenas o coração, separado do resto do organismo, o oftalmologista os olhos, o dermatologista a pele, etc.

Para que se chegue a uma educação que torne importante o sujeito e não a sua utilidade é preciso criticar a educação que está sendo feita sob os ditames do mercado e do capital. Precisamos de uma educação que esteja mais perto dos indivíduos, que olhe estes sujeitos como pessoas, como singularidades e não como números ou como peças de uma engrenagem. É preciso uma educação que se importe com o indivíduo e isso não acontece, a educação ainda nos é apresentada de forma totalmente impessoal e os sujeitos devem se adaptar a ela, grande parte dos problemas educacionais residem justamente pelas diferentes reações dos sujeitos a um tipo de educação que não os valorizam, vinda de cima para baixo sem se importar com as suas vidas e sentimentos. Importante citar Duarte Júnior (1996, p.35):

Convém também observar que a visão transmitida pela escola é sempre a visão determinada pelas classes dominantes. Não interessa que as pessoas elaborem a sua visão de mundo, a partir da realidade concreta onde vivem. Importa, sim, a padronização do pensar, segundo os ditames da lógica de produção industrial. Todos devem ver o mundo da maneira como querem os dominantes, para que a atual situação se mantenha inalterada, Se cada um começasse a formular o seu pensamento de acordo com a sua situação existencial pode ser que descobrissem determinadas verdades que o fizessem lutar pela alteração desta situação.

Assim como foi visto no capítulo que expõe o histórico do ensino de Arte no Brasil e de como ela é observada pela sociedade, vemos que a Arte na educação tem um papel marginalizado, em geral são lecionadas por professores não formados para ensinar Arte, que, por sua falta de formação, levam o senso comum e os ditames do currículo estritamente de forma literal apenas para “cumprir tabela”, por falta de maior cabedal teórico e prático, e assim se produz uma série de traumas e equívocos nas aulas de Arte realizadas e na proposição de atividades que em nada contribuem para o desenvolvimento dos educandos. A Educação Estética distante do educando e do educador refletem em um ensino de Arte distante dos mesmos, somando-se ao caráter marginal que a Arte se coloca na educação durante a nossa história, refletem em um ensino pobre, desvalorizado e levado na galhofa, tanto pelos educandos e o mais grave, pelos próprios educadores.

O caráter de passatempo ligado ao ensino da Arte vem da mentalidade de penduricalho cultural reforçado pelas elites como já podemos notar que foi uma construção histórica em nossa sociedade, assim a Arte tem uma barreira social para as classes mais populares, pois quando entrou nas escolas, o ensino de Arte assumiu um



caráter de pobreza e utilitarismo pelo pensamento de que não é útil para o povo entender de Arte a não ser que sirva para alguma coisa, como para o trabalho, mentalidade promovida pelo progressismo econômico impulsionado pelo projeto voraz de industrialização do país, que, sobretudo influenciou muito a forma utilitarista do ensino de Arte para estas camadas populares.

O ensino de Arte nos moldes utilitários se resumia, por exemplo, como desenho com cópias, “artes” manuais, “artes” industriais, “artes” domésticas, etc. A Lei 5.692/71 materializou toda uma intencionalidade de formação das camadas populares para o mercado de trabalho o espírito de progresso econômico que vigorou desde o governo de Juscelino Kubistchek ganhou mais tom no regime de exceção da ditadura-civil militar, segundo Subtil (2011). Outra razão é que as aulas de Arte eram encaradas na linha de produção de uma educação voltada para o mercado e o capital, um verdadeiro escape, um relaxo diante da sisudez dos conteúdos de disciplinas mais “sérias”, aqui também se considera a Arte como um penduricalho nos currículos.

A falta de seriedade no ensino de Arte vai ao ponto de apesar da ilegalidade, na prática as escolas oferecem as disciplinas a professores que não são habilitados para o ensino de Arte, tanto pela carência de profissionais na área como forma destes professores completarem carga horária, aí neste caso vemos como o ensino de Artes é visto apenas como um item no currículo a ser ensinado tampouco se importando pelo modo a qual era será ensinada e o mais grave é quando mesmo a lei obrigando o ensino de Artes nas escolas ainda se vê instituições de ensino descumprindo a legislação não ofertando disciplinas de Arte em todas as séries do ensino fundamental e ao menos em um dos anos do ensino médio, Lis (2008).

Outro problema é a falta de seriedade para nomearem professores nas diferentes linguagens artísticas, apesar de recentemente as legislações estarem se adequando a inclusão das linguagens artísticas como Música, Teatro, Dança e Artes Visuais nos currículos da educação básica, nós vemos o ensino de Artes onde apenas um professor é responsável por ensinar as diferentes linguagens artísticas como consequência da não especificação destas linguagens artísticas na LDB de 1996 e ainda a influência da educação artística na consideração de que qualquer um pode ensinar Arte, só que neste caso entre as diferentes licenciaturas das linguagens artísticas. Isso traz como consequência um distanciamento do educador com as outras áreas em que ele não é especializado e reproduziria uma formação incompleta de seus educandos, obrigando o

professor de Arte a uma postura polivalente, ministrando as áreas para qual não foi formado.

Esta total falta de seriedade com o ensino de Arte tem como consequência situações vexatórias graças a atividades que ridicularizam a capacidade cognitiva e criativa dos educandos em nome de uma definição de estética equivocada, em que vemos professores avaliando e dando notas e conceitos a atividades artísticas, fazendo um julgamento sob o seu ponto de vista amparado em sua visão particular de estética, vemos professores pintando e contornando atividades das crianças, vemos a confecção de artigos pré-fabricados pelos educadores para a comemoração de datas comemorativas, o que retira totalmente a autonomia dos educandos na prática e subliminarmente classificam estes educandos como incapazes. Sobre isto convém citar Lowenfeld e Brittain (1977, p. 71.):

Expor uma aprendizagem artística que incluam tais tipos de atividades é pior do que não dar aprendizagem alguma. São atividades pré-solucionadas que obrigam as crianças a um comportamento imitativo e inibem a sua própria expressão criadora; esses trabalhos não estimulam o desenvolvimento emocional, visto que qualquer variação produzida pela criança pode ser um equívoco; não incentivariam as aptidões, porquanto estas se desenvolvem a partir da expressão pessoal. Pelo contrário, apenas servem para condicionar a criança, levando a aceitar, como arte, os conceitos adultos, uma arte que é incapaz de produzir sozinha e que, portanto, frustra seus próprios impulsos criadores. (LOWENFELD E BRITTAİN, 1977 p. 71)

Diante do exposto sobre o educar, não se deve pensar, porém, que a educação possa implicar em uma posição passiva do educando, e sim permitir a ele a liberdade de como se posicionar dentro da sociedade e que sentido quer fazer para sua existência. Na verdade se vê uma educação que tem o mero valor de reproduzir e impor valores, sem posicionamentos críticos, que não valoriza o prévio saber dos educandos e não promove as experiências, que são primordiais para a aprendizagem mais eficaz. É a verdadeira lógica capitalista de formação do homem para o mercado, que impõe a competição, a classificação, a cisão entre razão e emoção, que elegeu a desvalorização da imaginação e dos sentimentos como obstáculos a produtividade e a sustentação do que está posto.

A Arte é encarada por esta atual sociedade como um conhecimento secundário na formação do indivíduo, e apesar do ensino de Arte está presente nas legislações (LDBs 5692/71 e 9394/96) como componente obrigatório no Brasil, assume uma prática de ensino alienado. Aproveitando-se do termo empregado, pede a conceituação de Marx (2004) sobre alienação, em particular Marx usa o termo estranhamento que significa a mesma coisa, este termo que terá a sua significação empregada neste trabalho quando se

trata das atividades pragmáticas realizadas no contexto do ensino de artes nos moldes da educação artística, que ainda possui influências na educação brasileira. Marx usa este termo para designar o estranhamento provocado pelo trabalhador com o produto criado pela sua força de trabalho:

Examinemos o ato do estranhamento (ou alienação) da atividade humana prática, o trabalho, sob dois aspectos 1) a relação do trabalhador com o *produto do trabalho* como objeto estranho e poderoso sobre ele. Esta relação é ao mesmo tempo a relação com o mundo exterior sensível, com os objetos da natureza como um mundo alheio que se lhe defronta hostilmente. 2) A relação do trabalho com o *ato da produção* no interior do *trabalho*. Esta relação é a relação do trabalhador com a sua própria atividade como uma [atividade] estranha não pertencente a ele, a atividade como miséria, a força como impotência, a procriação como castração. A energia espiritual e física *própria* do trabalhador, a sua vida pessoal – pois o que é vida senão atividade – como uma atividade voltada contra ele mesmo, independente dele, não pertencente a ele. O *estranhamento-de-si* (*Selbstentfremdung*), tal qual acima o estranhamento da *coisa*. (MARX, 2004. p.83)

Marx define o termo estranhamento ou traduzido por nós como alienação, no conceito do mundo do trabalho, na base dos seus estudos do marxismo, que reflete sobre como acontece a relação do trabalhador/trabalho/produção, mas aqui, queremos relacionar como a produção “artística” do ensino de artes sob um caráter utilitarista é visto de forma estranhada ou alienada, onde o objeto não contribui para a formação do educando e a produção não representa o mesmo, outros fatores como a mera cópia, a castração da criatividade no que é produzido, a falta de relação com o conteúdo aprendido relacionado a realidade daqueles educandos ajuda a tornar essa relação aqui criada.

A propósito, a mesma premissa capitalista que deturpa a produção artística é a que deturpa a significação do trabalho para o homem, por isso o termo empregado por Marx chamado estranhamento ou alienação ganha bastante sentido. O trabalho, que segundo Erich Fromm é considerado como uma forma de libertação do homem em relação da natureza se torna algo que o escraviza, já com relação à Arte, segundo Goldshmidt (2004, p. 51.), a sua alienação tem como consequência a tradução nos currículos em nossas “formações estéticas” desta maneira:

Na sociedade capitalista, a obra de arte, ou melhor dizendo, o fazer da arte que atende à produção de bens de consumo, como é o caso por exemplo do desenho industrial, da arquitetura, ainda merecem alguma aceitação social. Em contrapartida, a criação artística que não tem como objetivo primeiro produzir bens de consumo e sim propiciar o prazer ao criador e ao fruidor é, de certa forma, desvalorizada, pois apresenta-se como objeto inútil. Tal compreensão levou o senso comum a considerar a arte como algo supérfluo,

destinado a poucos privilegiados, ou, ainda, um passatempo para pessoas que não têm nada de importante para fazer. Este fazer da arte, dentro da categoria de trabalho produtivo (trabalho alienado) é considerado como um trabalho de menor importância social.

Marx percebe que Arte e trabalho são relacionais, pois ambos possuem uma capacidade criadora, graças à alienação e à ideologia capitalista temos a impressão de que Arte e trabalho possuem um grande abismo, mas que ambos quando não são atingidos pelo estranhamento são potenciais atividades de criação livre e ajudam a formar o ser humano, importante neste ponto do trabalho acabar com os equívocos gerados pela ideologia do mercado e dar a devida seriedade à Arte como princípio formador do homem assim como é o trabalho.

Convém lembrar que a educação precisa se desprender cada vez mais desta lógica do capital e da mentalidade mercadológica que está sendo problematizada, pois ela acaba reproduzindo justamente as relações de estranhamento no mundo do trabalho e assim foi possível fazer esta relação. Goldshmidt (2004, p. 49) citando Marx coloca a necessidade do rompimento da arte e da ciência com esta lógica mercadológica: “Para o Marxismo, as verdadeiras necessidades humanas contrapor-se-iam às necessidades de mercado; tanto a arte como a ciência deveriam perder seu caráter alienado”. Em relação a educação cito novamente Duarte Júnior (1996, p. 36.) e a sua preocupação com os rumos da educação sob os ditames do mercado:

A educação que deveria significar o auxílio aos indivíduos para que pensem sobre a vida que levam, que deveria permitir uma visão do todo cultural onde estão, se desvirtua nas escolas. Impõe-se uma visão de mundo e transmite-se conhecimentos desvinculados das experiências de vida. Em suma: preparam-se pessoas para executar um trabalho parcializado e mecânico, no contexto social; pessoas que se preocupam apenas com o seu trabalho (com o seu lucro), sem perceber como ele se liga a todos os outros no interior da sociedade.

A Educação Estética tem a capacidade de chegar mais próximo do indivíduo, justamente o que se almeja em uma educação sensível e que se preocupe com o educando, mas, diante da não importância merecida à Arte, há um caráter que impede da Arte como educadora de maneira mais incisiva, que justifica em seu caráter intransigente em relação às normas pré-estabelecidas, pois a Arte, em seu caráter revolucionário e transformador, aflora os sentidos para exibir várias realidades e possibilidades. O ensino da Arte tem recebido maior consideração com a militância de vários educadores, artistas e estudiosos e vem sendo obrigatória nas leis e nos currículos, e há atualmente um empenho cada vez maior de gritar pela arte atuar como

formadora na educação dos indivíduos, porém ainda temos um longo processo de transformação.

Há ainda uma enorme barreira histórica, política e cultural para que a Arte faça parte de forma mais convicta no ensino formal, assim como está sendo proposto neste trabalho, atualmente vemos a arte-educação no Brasil como proposta de educação através da Arte, sendo inclusive inspirada na vanguarda de Herbert Read criada em 1943, denominada “Educação através da Arte”, considerado como uma grande evolução diante o histórico onde o ensino de Arte no Brasil que se dá (apesar de avanços) de uma maneira totalmente alienada, o grande trunfo da continuidade deste avanço se dá na formação de educadores com uma nova mentalidade, que acreditem na importância da Educação Estética como formadora dos indivíduos. Para Ney Wendell (apud. Villaça) (2014), Arte-Educação tem como definição um:

Processo pedagógico que se utiliza da ferramenta artística para uma educação dedicada ao ser humano em suas habilidades criativas, suas relações emocionais, sua manifestação potencial e sua sociabilidade. Determinando-se como um facilitador para que o conteúdo aplicado seja prazeroso, lúdico e criativo, e que ocorra transformações a nível físico e psíquico integralmente.

Para Duarte Júnior a Arte-Educação tem sua definição acompanhada juntamente com um esclarecimento:

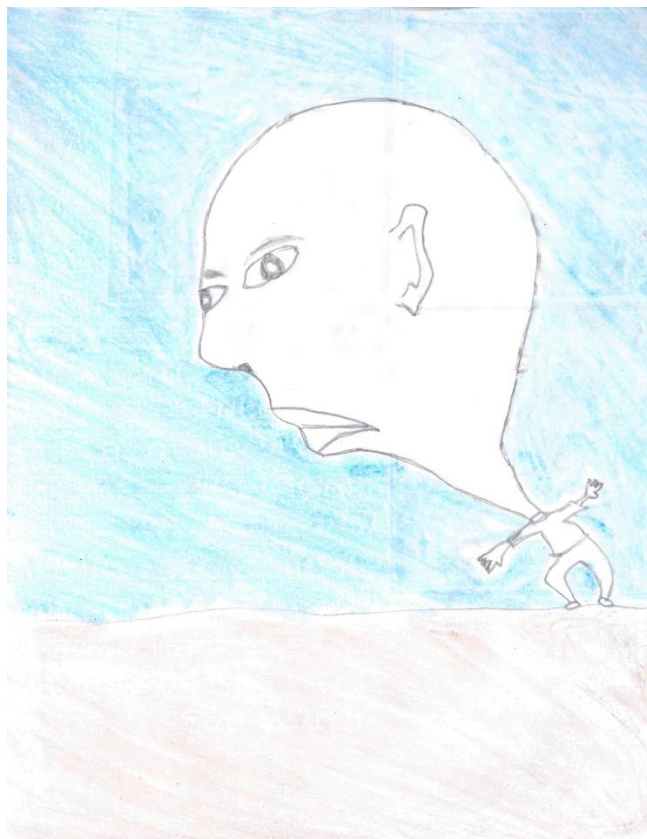
É preciso dirimir dúvidas desde já: arte-educação não significa o treino para alguém se tornar um artista. Ela pretende ser uma maneira mais ampla de se abordar o fenômeno educacional, considerando não apenas como uma transmissão simbólica de conhecimentos, mas como um processo formativo do humano. (JÚNIOR, 1996, p. 72.).

Para esclarecer, a Arte-Educação exercida na educação brasileira configura aqui como uma prática de ensino de Arte, onde se materializa aqui uma preocupação com a Estética como princípio formador. Fica esclarecido também que se critica totalmente a fragmentação dos saberes, portanto é preciso dizer que a Educação Estética deve atuar com interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, não se limitando ao ensino de Arte, ela deve inspirar todo o currículo escolar, isso se justifica pela maior criticidade com o que se aprende e o que se ensina, a Educação Estética pretende chamar o educando como partícipe ativo do processo de aprendizagem, tanto refletindo a sua realidade quanto os conteúdos estudados e encontrar relação com esta sua realidade. A falta de criticidade dos conteúdos se justifica pela distância que estes têm da realidade dos educandos e com a passividade do educando a educação torna-se adestramento. Por

essas e outras a Arte não deveria ser apenas um penduricalho no currículo, pois é uma excelente aliada para a formação à crítica e maior sensibilidade dos indivíduos.

A principal mensagem deste trabalho é estabelecer a importância da Arte na formação do ser humano desde os tempos mais antigos e que ela merece respeito e seriedade por parte da sociedade que dela oferece desdém, pois a Arte imortaliza o ser, é o mais nobre impulso do ser humano, a Arte não tem limites e escancara nossas possibilidades é como diria Nietzsche (1999, p. 32.) “a arte existe para que a realidade não nos destrua”, esta realidade que estamos sob o jugo do capital e do mercado é dura e nos prejudica, valoriza a razão ao mesmo tempo em que nos tira ela, porque despreza a emoção, nos tornam mais violentos, nos tornam medrosos e ignorantes, retiram a nossa saúde física e mental e agride nosso meio ambiente, com certeza rumamos à destruição.

A sociedade nos ensina que ser sensível é uma fraqueza, pelo contrário, é uma força que nos torna melhores para percebermos melhor o mundo e poder transformá-lo, o impulso criador (que a arte é capaz de desenvolver) é o que nos faz sermos diferentes dos outros seres vivos, é o que nos torna humanos, a educação para a submissão e para o condicionamento nos animaliza, nos torna menos humanos. Por isso a Arte deve ser respeitada e considerada, a Arte não é penduricalho, nem pertence a poucos como adorno e divertimento, a Arte tem que ser respeitada. A Arte não é passatempo!



*“Quando só a cabeça pensa o corpo fenece.”*

*João Francisco Duarte Júnior*

#### 4. A EDUCAÇÃO ESTÉTICA NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO CRÍTICO

Para início desta conversa, é preciso inaugurar este capítulo com uma definição sobre a Arte que será de inteira importância para o desenvolvimento deste trabalho, a Arte é um simulacro da nossa vida, a Arte conta e reconta nossas existências, as traduzindo, a Arte é a maneira do ser humano transpor limites do palpável, sair da obviedade, discordo da máxima que virou ditado popular de que a arte imita a vida, ela faz melhor do que isso, como diria o escritor Oscar Wilde (1992) “a vida imita a arte muito mais do que a arte imita a vida”, parece uma definição mais correta do que seria a Arte em nossas existências, quando dito anteriormente que a Arte não imita a vida, mas faz algo muito melhor, ressalta-se que a Arte não seria apenas um artifício para reproduzir a vida, mas que de alguma forma visa a sua transformação, a Arte tem esta facilidade de abrir vários caminhos dentro de um único caminho, a verdadeira Arte não conhece limites.

Vigotsky (2001) nos diz que “a obra de arte nunca reflete a realidade em toda a sua plenitude e verdade real, mas é produto sumamente complexo da elaboração dos elementos da realidade, de incorporação a essa realidade de uma série de elementos inteiramente estranhos a ela.” (p.329), por isso ressalta-se a importância de começar este capítulo assim, pois neste preâmbulo convém demonstrar que a Arte tem um verdadeiro papel de transformação e possui um papel de importância na construção de uma perspectiva de um indivíduo crítico, pois assim como a Arte a criticidade visa também à transformação, tanto do próprio indivíduo como de modo social.

A Arte vem do social para o social, mas se materializa nas individualidades, nos valem em nossas experiências estéticas de experiências sociais, as nossas experiências estéticas pedem isso, essa relação parece antagônica, mas se traduz complementar, a importância da Arte é decisiva na construção de indivíduos transformadores de si e do que os rodeia, justamente pelo seu caráter social, e é importante esclarecer aqui que o caráter individual na Arte no que se refere a singularidades e subjetividades dos indivíduos, não restringe a Arte no caráter egocêntrico, pelo contrário é preciso ressaltar a Arte como instrumento social como novamente afirma Vigotsky (1998) “A arte é o social em nós, e se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isso não significa, de maneira nenhuma, que as suas raízes e essência sejam individuais.” (p. 315). Esclarecer a Arte como uma manifestação social é importante para justificar o caráter transformador da Arte não apenas no indivíduo, mas como em seu meio social, e que



ambos se revelam válvulas desta transformação, pois Vigotsky revela em seus escritos que o indivíduo é fruto de seu meio social.

Até aqui podemos ver que a Arte não é um mero reproduzidor da realidade, e sim propõe uma transformação da mesma e que, além disto, a Arte é um fenômeno social e importante elemento de transformação, mas por que se deve afirmar isto? Não começamos este capítulo à toa, vamos continuar esta argumentação agora respondendo a este último questionamento feito, por que a Arte é este elemento transformador ao ponto de refletir no desenvolvimento deste trabalho? A Arte como elemento transformador reflete basicamente no desenvolvimento de dois fenômenos principais, o desenvolvimento de capacidades criadoras e a formação de um indivíduo total, traduzido pelo desenvolvimento e maturidade em seus aspectos racionais e emocionais, a partir daí vamos entender por que a Arte é importante no desenvolvimento destes dois aspectos e como ele contribui na formação de um indivíduo crítico.

Inicialmente, seria interessante mencionar uma potencialidade bastante importante para a compreensão do que é o ser humano, e é ao mesmo tempo um dos elementos que se constitui a Arte, ela carrega em si este elemento transformador que é importante na formação do ser humano, que o prepare para ser inteiro, autônomo, crítico e reflexivo, para isso ocorrer deve se pensar em uma educação baseada nessa construção e a Educação Estética é o elemento primordial para o desenvolvimento desta construção.

Nesta construção, a Arte atua na concepção de um homem livre e consciente e que rompa com as opressões, promovendo a conscientização de sua realidade e de seu mundo em volta, e que consiga encontrar por meios próprios as capacidades de superação da realidade presente, configurando em uma educação que realmente prepare este indivíduo para o mundo e não somente para o mercado de trabalho. Isto pode ser concebida justamente no desenvolvimento da capacidade criadora da Arte e como foi dito anteriormente neste trabalho, para a Arte não existe limites, e somente a capacidade de superar dificuldades e criar novas alternativas vem com o desenvolvimento de uma capacidade criadora, tudo com vistas de sempre representar realidades alternativas, a capacidade criadora do homem é o estopim da sua transformação e através da Arte podemos trabalhar isso com mais veemência, a Arte nos educa para a transformação, para a criação, para a imaginação.

Chegamos à palavra imaginação, vamos transpor mais um nível deste trabalho, ressaltando a importância deste elemento na formação humana para a transformação, o ser humano tem na imaginação uma das capacidades do pensamento mais antigas, desde

os mitos dos homens primitivos, mas que deve ser desenvolvida, ela está ligada à capacidade de criação, de associação entre experiências já vividas e a imaginação é movida por sentimentos, procurando relacionar objetos que originalmente não poderiam ocorrer tal relação, ser imaginativo é projetar novos caminhos, Duarte Junior fala que “a imaginação diz respeito à articulação dos sentimentos, à sua transformação em imagens e ao encontro de símbolos que expressem esses processos e resultados” (1988, p. 98.).

Para Spinoza (2008), a imaginação é uma atividade mental onde se representa uma imagem do contato com outro corpo externo e dessa representação que se torna a consequência do que ele chama de constrangimento ou afecção da nossa mente com esse corpo externo, que causam uma afetação, em suas palavras, “a mente humana não conhece o próprio corpo humano e ele existe senão por meio das ideias das afecções pelas quais o corpo é afetado” (preposição 19, p.113).

Segundo Ernst Cassirer (1977) a imaginação possui uma capacidade organizadora e que está a serviço do pensamento simbólico, importante para a sociedade e o indivíduo, como complementa Mircea Eliade nas palavras de Goldschmidt (2004, p. 73) a importância da imaginação para o indivíduo: “[...] a verdadeira fonte de riqueza humana: o homem a quem falta imaginação está arruinado; encontra-se afastado da realidade profunda da vida e de sua própria alma.”.

Na Arte o exercício da capacidade criadora e da imaginação é usual e este trabalho procura fazer compreender que a capacidade criadora da arte pode contribuir na educação, formando indivíduos acima de tudo criadores, imaginativos, que procurem novas relações. Segundo Goldshmidt (2004, p. 79.):

Somente no devaneio da imaginação o homem tem o direito de apoderar-se livremente do mundo, mundo que surge do enfoque estético, criador no sentido que produz uma visão de totalidade, que não é imitativa do real nem converte-se em mera ficção, pois o sonhador é um criador de si mesmo, e com seu devaneio tem uma experiência plena de emoções vitais.

A Arte como princípio formador desenvolve a inteligência emocional do indivíduo, nossas emoções nos fazem humanos e encontram na Arte um lugar confortável para a sua prática, através das experiências estéticas exercitamos os nossos sentimentos como exercitamos nossos músculos em uma academia, afloramos nossos sentimentos e damos frutos através da imaginação, somos o que sentimos e quanto mais expostos aos nossos sentimentos, somos mais conhecedores de nós e da nossa realidade, tendo mais controle de agirmos sobre nós mesmos e a nossa realidade. Citando

Vigotsky (1998, p. 12) “a arte sistematiza um campo inteiramente específico do psiquismo do homem – precisamente o campo do seu sentimento”.

Toda emoção estética é uma emoção carregada de inteligência, pois o ato em si requer inteira articulação entre a realidade, subjetividade do indivíduo e transformação através da capacidade criadora da imaginação, criando uma realidade singular, mais uma vez Vigotsky contribui argumentando sobre a importância da imaginação em nossa educação emocional, ele diz que “toda emoção se serve de imaginação e se reflete numa série de representações e imagens fantásticas, que fazem às vezes de uma segunda expressão” (p. 264). A Arte para Vigotsky (1998, p.308) é como se fosse uma técnica de sentimentos, é através da arte que o indivíduo pode explicitar a sua visão de mundo, a sua concepção de mundo, de história, ou seja, a Arte nos ajuda a traduzir o mundo e a nós mesmos e nos ensina a nos situar e nos transparecer, isso já é um elemento base para uma criticidade e autonomia do indivíduo, uma educação com base na estética tem dado a sua importância para a formação de um indivíduo crítico e transformador.

Outro aspecto importante da Arte para a formação do ser humano se dá pelo desenvolvimento do indivíduo tanto no âmbito emocional, como já foi dito anteriormente, como no âmbito racional, a história nos forçou a sempre capacitar nossas racionalidades em detrimento das emoções, nos foi dado a acreditar que nossos sentimentos nos atrapalham em nossa caminhada, mas o que se apresenta aqui é que um indivíduo não evoluirá por completo se não desenvolver as suas capacidades racionais e emocionais, uma depende da outra, são complementares, e a Educação Estética pode contribuir para o desenvolvimento de ambas, a Arte e as experiências estéticas nos ajudam a desenvolver sem separação e sim com inteireza a razão e a emoção.

Como falado anteriormente, as emoções de ordem estética expressam uma carregada inteligência, pela complexidade dos processos subjetivos, aliar razão e emoção é o ponto de podermos enxergar o indivíduo formado para uma criticidade, um indivíduo reflexivo, questionador, que desenvolva a capacidade criadora e a imaginação de não se conformar com o que está posto, de relacionar objetos que não se imaginaria serem relacionados e sim poder acreditar nas utopias. É importante citar Duarte Júnior (1988, p. 97.) para compreender melhor este sentido: “o pensamento criador procura estabelecer novas relações simbólicas. Procura conectar símbolos e experiências que, anteriormente, não apresentavam quaisquer relações entre si”. Vigotsky (1998) complementa ao considerar a Arte uma verdadeira alquimia de nossas existências: “a

arte recolhe da vida seu material, mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades deste material” (p. 308).

Este trabalho não quer somente justificar a importância de uma formação estética para um maior desenvolvimento do indivíduo, este trabalho também quer apresentar uma alternativa a ser pensada na educação, em que se observa o papel preponderante da Educação Estética na construção de uma consciência estética, o termo “estético” empregado denota harmonia, equilíbrio, em se tratando de nós e o mundo a nossa volta.

O ideal é apresentar a contribuição do ensino de Arte não somente como componente curricular isolado, mas que suas características incidam e inspirem toda a educação, e a Arte pode cumprir este papel, justamente buscando esta formação estética desejada, por isso é importante ressaltar que a nossa formação escolar a nível histórico, valoriza mais os saberes racionais do que o desenvolvimento de aspectos emocionais, assim temos consciência dos equívocos para poder romper com estes pensamentos e práticas, por isso vamos à reflexão desta situação, para que possamos pensar em um modelo de educação que permita valorizar o desenvolvimento da razão e da emoção sem fragmentações, considerando isto um desenvolvimento global do indivíduo.

Precisamos sim transformar esta problemática de fragmentação dos saberes e valorização maior da racionalidade do que a subjetividade e as emoções, provocando uma cisão que remete aos indivíduos uma dicotomia, uma separação desnecessária do ser humano, e não formando o ser humano em sua completude de fato. É importante citar Rollo May, psicólogo para ilustrar esta afirmação:

Mas surgiu uma nova mudança no século XIX. Psicologicamente a ‘razão’ foi separada da ‘emoção’ e da ‘vontade’. Para o homem de fins do século XIX e princípios do XX a razão respondia a qualquer problema, a força de vontade o resolvia e as emoções... bem, estas em geral atrapalhavam e o melhor era recalca-las. Vemos então a razão (transformada em racionalização intelectualista) ao serviço da compartimentação da personalidade com as resultantes depressões e conflitos entre instinto, ego e superego, que Freud tão bem descreveu. Quando Spinoza, no século XVII, empregou a palavra *razão* referia-se a uma atitude em relação a vida, na qual a mente unia as emoções as finalidades éticas e outros aspectos do ‘homem total’. Ao usar hoje este termo, quase sempre se deixa implícita uma cisão da personalidade... (MAY, 1973. p.42)

Abordando esta problemática em nossa sociedade a Arte contribui para uma formação de maior completude no ser humano, a educação procura preparar seus educandos para a cultura em que estão inserindo, cito as palavras de Duarte Júnior (1988, p. 60.) “pode se afirmar que educar significa colocar o indivíduo em contato com

os sentidos que circulam em sua cultura, para que, assimilando-os, ele possa nela viver”, baseado neste fato a educação procura valorizar mais os ensinamentos técnicos e racionais em detrimento de outras formações, da educação das emoções e do corpo por exemplo. A Arte através de uma formação estética do indivíduo tem a intencionalidade de trabalhar a completude na formação, seja em suas diversas formas de expressão.

Para entender melhor como a Educação Estética é capaz de trabalhar as capacidades racionais e emocionais do ser humanos não entendendo fragmentações, vamos compreender como surgiu a Educação Estética e mostrar os seus principais pensadores e de como eles a entendiam como princípio de formação do indivíduo, neste momento é importante esclarecer, por que não se esclareceu o termo Educação Estética antes do desenvolvimento deste capítulo? Resposta, chegando a este nível de compreensão deste trabalho, trataremos na problemática do desenvolvimento global do indivíduo, aliando as capacidades racionais e emocionais, justamente no que consiste a Educação Estética por que a sua definição perpassa exatamente nos estudos da problemática que estamos refletindo. Inevitavelmente trataríamos deste termo neste trabalho e melhor que isto fosse feito de maneira didática e natural e principalmente sem fragmentações.

Chegamos enfim ao ponto onde se explicitará realmente no que conceitua a Educação Estética, isolando o termo estética, que por sinal de alguma forma ou outra já nos deparamos com esta palavra, principalmente quando relacionado com assuntos sobre beleza pessoal, mas aqui vamos nos referir a estética em sua visão filosófica, a partir da publicação da *Aesthetica* (termo derivado do grego *aisthesis*, que significa “sensação” do qual se origina a palavra estética) em 1750-1758 pelo filósofo alemão Alexander Gottlieb Baumgarten, que marcou a origem do termo estética e seu conceito. Importante esclarecer que ele não foi o criador da estética como ciência, mas que a partir desta ciência, criou um novo conceito através de seus estudos que ganhou bastante credibilidade. Para compreender de maneira mais didática este conceito, podemos recorrer a uma definição da estética de Baumgarten em 1735 por Iser (2001, p. 35) como sendo a ciência de como as coisas podem ser conhecidas pelos sentidos.

Para Baumgarten a linguagem não se traduz apenas pela escrita e fala, e sim por um conjunto de signos que na necessidade de comunicação, são gerados, como a linguagem imagética, e a linguagem corporal, através de gestos e movimentos, isto tem a ver com o fato de que nossos sentimentos se traduzem em forma dessas diferentes linguagens, aqui se ressalta a importância da estética como fator desenvolvedor de uma

inteligência emocional e de expressividade, a maneira com que nos expressamos nos diz o que somos e a estética também se refere a como sentir, mas como se expressou anteriormente este desenvolvimento emocional é impregnado de racionalidade, pois razão e emoção são complementares.

Com o esclarecimento do termo “estética”, podemos ter uma ideia do que consiste a Educação Estética, mas precisamos ainda de uma contextualização, pois é preciso abordar referências de autores que trouxeram o termo filosófico de Baumgarten para a educação, e é indispensável citar Johann Christoph Friedrich Von Schiller, poeta, dramaturgo e filósofo, também alemão, pioneiro na utilização da terminologia que a qual estamos refletindo, Educação Estética.

Para início de apresentação, convém lembrar que anteriormente neste trabalho já definimos estética como significativo de harmonia e equilíbrio, Schiller parte daí para o desenvolvimento do que considera uma formação estética, o autor alemão entende que a estética deve ter como objetivo o belo e que este objetivo pode ser ensinado e que este ensino pode provocar grandes diferenças para quem aprende, Goldshmidt (2004, p. 104.) sobre Schiller e a Educação Estética: “Schiller defende a necessidade de uma educação para a “verdade triunfante” do impulso lúdico, que se exterioriza na beleza. Essa educação da “verdade triunfante” é a educação dos sentimentos, na qual os sentidos apreendem a aparição da beleza.”

A beleza para Schiller é definida como o equilíbrio entre entendimento e sentimento e entre forma e matéria, para chegarmos a esse equilíbrio Schiller chega ao entendimento que fará finalmente a intersecção a nossa problemática envolvendo racionalidade e emoção. Schiller entende que no indivíduo existem duas forças que na sua visão são opostas na qual ele define como impulsos, denominados de impulsos sensíveis e formais, o que veremos a seguir, se relacionam com a emoção e a racionalidade respectivamente, ora senão segundo Schiller (2002) ele considera impulsos sensíveis como “parte da existência física do homem ou de sua natureza sensível” (p.63) e impulsos formais como “parte da existência absoluta do homem ou da sua natureza racional e está empenhado em mantê-lo em liberdade” (idem).

Aqui se denota a Educação Estética pelo equilíbrio entre entendimento e sentimento, o que segundo Schiller culminaria em um chamado impulso lúdico, sendo assim a formação estética permeia estes dois impulsos para uma melhor compreensão de mundo, assim razão e emoção, sendo indissolúveis, ajudam no completo desenvolvimento estético do indivíduo. Schiller compreende e se concorda por aqui que

a Educação Estética deve ser aprendida e que ela refere-se em todos os âmbitos da vida, e se traduz em todos os atos feitos pelos indivíduos, e no desenvolvimento das capacidades física, espiritual e psíquica, tendo total relação com o que se alcança com esse trabalho, quando objetivamos a materialização de um indivíduo crítico.

Já vimos à Arte e a formação estética como instrumentos de transformação, de liberdade, de autonomia, de expressão, de comunicação, de desenvolvimento de razão e emoção, dentre essas consequências da formação estética na educação na construção de um indivíduo crítico e reflexivo podemos ressaltar a importância da educação permeada da estética, pois a Arte não imita a vida, mas a transfigura, para a Arte não se tem limites. Vigotsky compreende que a Educação Estética nos ensina que tudo que vem para nós como dado foi um dia criado, portanto é possível transformá-lo, esse sentimento de não conformação da Arte nos remete a uma capacidade crítica do ser que aprende por intermédio da Educação Estética, afinal, nada é, não existem verdades absolutas, ainda vale a pena citar Vigotsky (1990) para ilustrar a máxima deste parágrafo “todos os objetos da vida diária, sem excluir os mais simples e habituais, vem a ser fantasia cristalizada” (p.10).

A Arte na educação reflete a prática do novo, pois a arte carrega em si um caráter subversivo, diante dos variados cenários que podem ocorrer através da poderosa imaginação humana, o ato criador é a chave para uma transformação do indivíduo e assim criar formas de transformar seu mundo. A Arte está para o mundo desde as eras mais antigas, sendo assim uma essência humana, enquanto houver humanidade em seu estado latente, haverá a arte, e enquanto houver a arte, haverá perspectivas de revoluções.

Claro, convém mostrar também que em vários momentos a Arte foi ferramenta de manipulação e dominação, e o capitalismo se apropria da linguagem estética para reproduzir a sua mentalidade, convém citar Theodor Adorno e Max Horkheimer, integrantes da Escola de Frankfurt que chamam esse fenômeno de “indústria cultural”, o capital determina padrões culturais que influenciam os indivíduos e que são vendidos como produtos, assim os indivíduos se apartam da criatividade e criticidade e se distanciam das suas próprias culturas locais, assim se cria através de “enlatados artístico-culturais” uma mentalidade do mercado onde a Arte vira mercadoria e arma de alienação de massas. Para ilustrar, cito Adorno e Horkheimer (1982):

A atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural de hoje não tem necessidade de ser explicada em termos psicológicos. Os próprios produtos desde o mais típico filme sonoro, paralisam aquelas faculdades pela sua própria constituição objetiva. (p, 165)

Mas neste trabalho quer se ressaltar o valor da autonomia, criatividade e transformação que a Arte é capaz de fazer, onde canalizamos nossos sentimentos, razões e emoções e traduzimos um mundo que enxergamos além das lentes dos nossos olhos, a arte nos capacita a enxergar o mundo além dos sentidos, a arte poderia ser sem exageros o nosso sétimo sentido.

Como sendo possível a Educação Estética ser aprendida e entendida, caem por terra às noções de uma capacidade criadora ou artística como um dom, ou pior, destinada para poucos de uma faixa de população como dito mais “erudita”, em geral no topo das camadas sociais, esta noção historicamente construída na formação do nosso povo em relação às artes e a Educação Estética precisa cair por terra e deve ser garantida como direito de todos terem uma formação estética relevante, assim como garante a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) em seu artigo XXVII: “Todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir das artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios”.

Garantir este direito deve ser uma luta política a inclusão da arte e da Educação Estética de fato em nosso ensino. A Arte tem um poder extremo de mobilização e transformação, esse aspecto criador e revigorante das linguagens estéticas precisa estar à disposição de todas as pessoas, a educação precisa absorver o entendimento e a prática das linguagens estéticas, para ganhar um aspecto transformador e que traga autonomia às pessoas, assim falando, nos lembramos de Paulo Freire (& Shor 1986) e (2008), que como não poderia deixar de ser citado neste trabalho, ele nos remete a importância de uma educação voltada para a estética.

Freire será um importante aliado para a construção deste trabalho, pois o cenário pretendido por aqui se confunde com o que ele projetava na educação segundo seus inúmeros estudos e práticas para a contribuição de um ser humano crítico.

Uma educação para transformação, uma educação que leve à conscientização, que nos ensine a conhecer melhor a nós mesmos e ao mundo, por que não acreditar? Se inspira em Paulo Freire (2003) por aqui por acreditar em um modelo de educação progressista, emancipadora, não castradora e, sobretudo que forme indivíduos críticos, autônomos que saibam enxergar com as suas próprias lentes o seu mundo e ter a



capacidade de transformação de si e do mundo. Freire acredita em uma educação que valorize o saber do educando e valoriza a dialogicidade do contato entre o ensinar e aprender. O Patrono da educação brasileira é a pessoa certa para inspirar este modelo de educação que sugerimos neste trabalho e Freire valoriza muito a estética do ensinar e aprender, para ele educar é uma arte, quando realmente ela cumpre seu papel libertador. Em suas palavras:

Ensinar é assim a forma como toma o ato de conhecimento que o(a) professor(a) necessariamente faz na busca de saber o que ensina para provocar nos alunos seu ato de conhecimento também. Por isso, ensinar é um ato criador, um ato crítico e não mecânico. A curiosidade do(a) professor(a) e dos alunos, em ação, se encontra na base do ensinar-aprender (FREIRE, 2008, p. 81).

A manifestação do ensinar-aprender e toda a sua sistemática faz parte de um jogo estético que é produzido; mas isso só acontece com a parceria entre educador e educando, é preciso uma participação ativa destes dois personagens centrais, assim todas as ações implementadas na sistemática do ensinar-aprender consistem em uma experiência estética, a aula é uma obra artística, pois nela se manifestam processos criativos. Então, por essas justificativas se podem crer que a educação é um campo estético e que a educação deve ser terreno fértil para uma educação com bases estéticas como um verdadeiro instrumento de uma aprendizagem valorativa e significativa para os educandos. Freire & Shor, ressaltam o caráter estético da educação:

Outro ponto que faz da educação um momento artístico é exatamente quando ela é, também, um ato de conhecimento. Conhecer, para mim, é algo de belo! Na medida em que conhecer é desvendar um objeto, o desvendamento dá “vida” ao objeto, chama-o para a “vida”, e até mesmo lhe confere uma nova “vida”. Isto é uma tarefa artística, porque nosso conhecimento tem qualidade de dar vida, criando e animando os objetos enquanto estudamos (FREIRE, SHOR, 1986, p. 145).

A Educação Estética deve promover o desenvolvimento dos indivíduos, sobretudo, no desenvolvimento de uma educação para o sensível que é necessária para nos tornarmos seres humanos mais conscientes de si, do mundo e da sua história, formando sujeitos questionadores, críticos, reflexivos, conhecedores de que razão e emoção são complementares e dialógicos e não opostos, abrindo uma educação que promova uma formação de uma consciência estética, e enfim desde a formação na infância até o desenvolvimento na maturidade dos indivíduos. Para Freire é impossível estabelecer um processo educativo sem que exista uma experiência estética. Assim a educação permite a atuação da estética a partir do desprendimento do caráter utilitarista

da educação para o mercado, devemos romper com esta máxima mercadológica se quisermos uma sociedade com perspectivas melhores. Propomos assim um reaprender no processo de ensino-aprendizagem que está posto.

A estética foi apresentada e com ela a relação com a educação para a formação humana, e ela contribui como importante fator para educar indivíduos críticos, reflexivos, que valorizam a razão e a emoção como inteligências relacionais para uma maior sensibilidade como potência, contrariando os ditames da sociedade de mercado que nos impõe a sermos somente úteis, sem sequer nos importar como seres humanos, que refletem em uma educação pobre e pouco formativa. Daí a importância de refletirmos o papel da Arte, da estética na educação como condutor dos currículos, precisamos dar valor aos sentimentos e as experiências estéticas que cada vez mais nos distanciamos, só assim temos capacidade maior de nos enxergarmos, enxergar ao outro, enxergar o nosso entorno e de poder expressar nossos sentimentos bons ou ruins de forma a poder nos sentir melhores com nós mesmos e com os outros.

Aprendi com isto, gostaria de poder compartilhar este aprendizado com toda a sociedade que a cada minuto clama pela sobrevivência em meio a um ambiente caótico que nos impõe a competição, a individualidade e a insensibilidade. Quero ser um educador que valorize a arte e a estética como merece e sabedor do que ela é capaz, a minha luta começa por aqui, e desejo que o meu estopim se junte com outros vários estopins nessa luta pela valorização da Arte e da estética na educação para além da teoria e que uma revolução se exploda.

Enquanto futuro pedagogo, tenho plena consciência da responsabilidade da formação estética como princípio formador para o desenvolvimento do indivíduo de forma completa, valorizando o corpo e mente, a razão e emoção como complementares, a apreensão da realidade e a identificação cultural, a fruição de mundo, o desenvolvimento da criticidade, e que a Educação Estética deve fazer parte de toda a formação de forma interdisciplinar, não se restringindo apenas ao ensino de Arte.

E entrando nesta reflexão, esta formação estética somente é possível com profissionais que tenham saber estético em suas formações que realmente saibam o valor da educação do sensível e a importância desta formação no ser humano e que não encare esta educação como simplesmente um item do currículo a ser cumprido, a grande responsabilidade do pedagogo é poder, sabendo do valor da Educação Estética na formação do indivíduo, oportunizar cada vez mais o contato com as artes de forma significativa. No final deste capítulo começa a se refletir a importância de formar

esteticamente nossos educadores para que as concepções e equívocos sobre o ensino de artes possam ser diluídos e que realmente possamos nos beneficiar da Educação Estética em nossa educação da melhor maneira, é a deixa para o próximo capítulo a seguir.



*Somente a ação inteligente e empática do professor pode tornar a Arte ingrediente essencial para favorecer o crescimento individual e o comportamento do cidadão como fruidor de cultura e conhecedor da construção de sua própria nação. Portanto, os poderes públicos, além de reservarem um lugar para a Arte no currículo e se preocuparem em como a Arte é ensinada, precisam propiciar meios para que os professores desenvolvam a capacidade de compreender, conceber e fruir Arte.*  
(Barbosa, 2008, p. 14)

## 5. IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DE EDUCADORES COM SABER ESTÉTICO

Apresentamos até aqui a importância da Educação Estética presente nos ambientes educacionais a fim de formar os indivíduos de maneira mais ampla e completa, assim formando para a criticidade, educando para a sensibilidade além do cognitivo que é importante em conjunto com o desenvolvimento de outras capacidades, é preciso educar não apenas para saber, mas educar para pensar, educar para sentir e educar para ser. No entanto, para chegarmos a realizar o que pretende este trabalho, dependemos de um fator bastante importante, a formação de professores que tenham uma formação estética considerável, assim estes educadores poderão refletir a sua formação como importante para educar seus alunos. Este capítulo vai justificar a importância da formação estética dos professores, educá-los para o sensível, para serem mais humanos em seu trabalho é primordial.

Vamos assim como em capítulos anteriores recorrer a autores como Schiller (2012), Freire & Shor (1986) e Freire (2003). Schiller entende a Educação Estética pela formação do lúdico desenvolvendo as capacidades sensíveis e formais, já Freire entende a estética juntamente com a ética são inseparáveis em uma dialogicidade entre escola-professor-aluno-escola, que ele considera uma obra de arte, uma experiência estética como ele próprio diria de *boniteza*. Somente com estes autores aqui, baseamos que a formação de professores na estética pretende uma experiência educacional relevante e que realmente formará para uma noção de mundo, uma autonomia presente, uma imaginação que não vê limite para as suas utopias, essa boniteza no aprender e na relação estética entre professor-aluno formam as duas identidades para a construção de cidadãos sujeitos das suas próprias histórias.

Quando se fala em uma formação em que o educador seja sujeito de sua própria história, deve-se justificar a formação estética que implica em uma educação do sentir, do pensar, do ser, formando um indivíduo mais sensível e mais aberto, que se conhece mais, que tem uma melhor capacidade de enxergar melhor a sua atuação e seja menos suscetível a alienações ou utilitarismos na prática pedagógica. Um educador preparado esteticamente é um educador crítico, quem melhor para formar indivíduos com criticidade? Creio que deixarei a resposta desta pergunta com os leitores deste trabalho.

Percebemos aqui o que pretendia Schiller e a Educação Estética, uma educação que amadurecesse o espírito, que formasse um sujeito pleno e equilibrado entre sensível

e racional. A Educação Estética promove uma educação realmente humanizadora, em contraste com o modelo viciado da educação nos moldes do capital, que formam sujeitos incompletos, imprecisos, insensíveis e adaptados e devidamente adestrados, através de uma educação que nos animaliza. Precisamos e temos que entender que somos humanos, com diferenças e particularidades, o mercado procura nos homogeneizar, a Educação Estética valoriza o que cada um tem de valor.

A Educação Estética nos convida para formação docente com a consciência de que estamos ensinando para humanos, que seja uma contribuição para o repensar da nossa sociedade, das nossas relações sociais, e das nossas relações consigo mesmo. É importante que os educadores sejam formados através de uma formação estética que os torne mais abertos para o sensível, e para as mais variadas experiências estéticas que são constituintes da criação de uma identidade pedagógica voltada para a criatividade, ludicidade, imaginação e transgressão, através de um novo sentir para além do que nos é posto, desperta-se para este novo educador, novas possibilidades de leitura de mundo, sendo assim o educador estará mais capaz para propor uma formação estética aos educandos.

Este trabalho ressalta a importância da formação estética na educação e a melhor forma de ser educado esteticamente é através da imersão nas experiências estéticas, são nessas imersões onde o indivíduo vai poder estar mais aberto ao sensível e estará mais atento, estamos em uma via de mão contrária, onde não levamos a sério nossos sentimentos e temos cada vez menos experiências estéticas dada a velocidade do nosso cotidiano e das informações, isso não é de hoje mas desde que a sociedade racionalista foi concebida como modelo “correto” a ser seguido, hoje vemos o agravamento disto. Tem um tempo considerável em que Walter Benjamin (1985) escreveu esta citação, (mais precisamente pelos anos 30) mas que se torna mais atual do que nunca, já que de alguma forma seu alerta não foi compreendido pela modernidade:

A pobreza de experiências: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão puro e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. [...] Muitas vezes podemos afirmar o oposto: eles “devoraram” tudo, a “cultura” e os “homens” e ficaram saciados e exaustos. “Vocês estão todos tão cansados - e tudo porque não concentraram todos os seus pensamentos num plano totalmente simples mas absolutamente grandioso.” (p. 117).

Walter Benjamin critica o fato das pobreza de experiências culminarem em um processo de fracasso de nossa sociedade, e que justamente esse plano simples, mas

grandioso, é exatamente o fato de poder nos reencontrar com as experiências que nos levarão ao reencontro consigo mesmos. Devemos levar esta lição para a nossa formação como docentes, para sermos educados esteticamente, precisamos estar abertos às experiências, senão seremos apenas reprodutores de um sistema pobre e exausto que não compreende a nossa existência, mas apenas a nossa utilidade.

Para reivindicarmos mais espaço para a estética na educação, precisamos analisar o quanto ela está inserida nas legislações e se de alguma forma ela baseia a prática docente, podemos observar que temos de alguma forma presente a estética como norteadora na formação e atuação dos professores, importante termos consciência da importância de que a estética tenha certo espaço nas legislações educacionais, sabendo que ainda estamos muito longe do esperado na prática docente e na aplicação dos currículos nas escolas. Temos por exemplo a estética sendo explicitada na resolução CEB n. 2/98, que se refere ao ensino fundamental no seu artigo 3º, inc. I, letra c, que determina: "as escolas deverão estabelecer como norteadores de suas ações pedagógicas", entre outros, "os princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais". Já no ensino médio encontramos a — resolução CEB n. 3/98 em seu artigo 3º, inc. I que define como princípios a Estética da Sensibilidade:

[...] que deverá substituir a da repetição e padronização, estimulando a criatividade, o espírito inventivo, a curiosidade pelo inusitado, e a afetividade, bem como facilitar a constituição de identidades capazes de suportar a inquietação, conviver com o incerto e o imprevisível, acolher e conviver com a diversidade, valorizar a qualidade, a delicadeza, a sutileza, as formas lúdicas e alegóricas de conhecer o mundo e fazer do lazer e da imaginação um exercício de liberdade responsável. (BRASIL, 1998)

Já na Educação Infantil temos as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), onde encontramos os princípios estéticos destacados no seu artigo 3º, inc. I, letra c, que diz: “Princípios Estéticos da Sensibilidade, da Criatividade, da Ludicidade, da Qualidade e da Diversidade de manifestações Artísticas e Culturais.”. Já quando se trata da formação de professores temos a Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia onde encontramos o termo “estética” em seu artigo 3º:

O estudante de Pedagogia trabalhará com um repertório de informações e habilidades composto por pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos, cuja consolidação será proporcionada no exercício da profissão, fundamentando-se em princípios de interdisciplinaridade, contextualização,

democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e ESTÉTICA. (Brasil, 2006).

E em seu artigo 6º:

Art. 6º A estrutura do curso de Pedagogia, respeitadas a diversidade nacional e a autonomia pedagógica das instituições, constituir-se-á de:

e) aplicação, em práticas educativas, de conhecimentos de processos de desenvolvimento de crianças, adolescentes, jovens e adultos, nas dimensões física, cognitiva, afetiva, ESTÉTICA, CULTURAL, LÚDICA, ARTÍSTICA, ética e bio-social;

k) atenção às questões atinentes à ética, à estética e à ludicidade, no contexto do exercício profissional, em âmbitos escolares e não-escolares, articulando o saber acadêmico, a pesquisa, a extensão e a prática educativa; (idem)

Portanto podemos ver que o termo “estética” está presente nas legislações educacionais, porém sentimos falta de mais espaço e mais consideração. Ainda vemos a Educação Estética como componente curricular meramente a ser cumprido em nome de disciplinas consideradas mais úteis para a demanda do mercado, a visão da Arte como mera atividade, que é herança dos tempos de educação artística e ainda permeiam o imaginário da educação brasileira, mas é importante vermos que a luta dos arte-educadores para que a estética tenha território nas legislações, nos currículos e nas diretrizes de formação de professores é relevante. Isso é o começo para uma mudança de mentalidade, a luta é recente e só está começando em termos de história, e o importante é sempre levantar a bandeira em defesa da Educação Estética tanto na teoria como principalmente na prática e com cada vez mais oportunidades de desenvolver nossas fruições e criações dentro das nossas escolas.

É importante chamar atenção neste trabalho que ainda vemos pouca relevância da formação estética, tanto na educação dos indivíduos, como na formação dos professores, vemos, por exemplo, no curso de Pedagogia na Universidade Federal do Ceará (UFC), no qual estou como graduando, que existe apenas uma disciplina obrigatória relacionada à Educação Estética chamada Arte e Educação (64h), que é de grande importância na formação dos educadores, mas é muito pouco quando se trata da grandeza que é a Educação Estética e seus estudos, somente neste semestre (2019.2) foi reativada uma disciplina optativa chamada Educação Estética (48h) em que veio abarcar o que a disciplina obrigatória não consegue alcançar e de alguma forma oferecer uma melhor formação estética de seus discentes do curso de Pedagogia, ainda podendo se colocar a crítica de que esta disciplina optativa deveria pelo menos estar na carga obrigatória do curso com uma maior carga horária.



Precisamos de docentes que realmente contribuam com o seu trabalho de forma a ter uma função social relevante, profissionais mais conscientes, mais sensíveis, que estejam cientes de suas responsabilidades e estejam menos suscetíveis às influências de uma educação que nos vê apenas como forminhas e modelos a serem seguidos, precisamos de docentes que estejam mais atentos ao seu entorno e poderem ter mais controle de suas atuações como educadores, a formação estética do educador contribuirá para o desenvolvimento destas capacidades onde teremos um educador que tenha uma ampliação de seus sentidos e maior visão crítica e capacidade de desenvolver melhor o seu trabalho, em consequência disso seus aprendizes serão formados sob a mesma premissa e assim serão indivíduos igualmente desenvolvidos para a sensibilidade, maior compreensão e autonomia.

A Educação Estética contribui para uma maior oportunidade de o educador ter mais experiências estéticas e assim ampliar seus conhecimentos cognitivos e sensíveis, isso auxilia na maior percepção do educador no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e na maior garantia de aumentar seu cabedal cultural e exercitar sua capacidade de fruição e criação que se desenvolve através destas experiências estéticas, mas que poderá ser usado em outras oportunidades em seu cotidiano, o que culmina na maior capacidade de reflexão no seu trabalho e também na sua vida. Esta capacidade produz uma maior percepção de mundo.

A formação dos professores, além de sua formação acadêmica, está relacionada ao seu processo de percepção de mundo, pois estes mesmos professores irão reproduzir estas percepções de mundo em seu trabalho docente, portanto se temos nesta mesma formação a oportunidade de colocar este educador imerso em experiências estéticas durante as suas formações, seja formal ou continuada, ele será mais capaz de enxergar esse mundo com lentes maiores e terá mais formas de administrar o seu trabalho docente, sendo mais crítico e reflexivo, tendo um pensamento mais perceptivo pelas imersões estéticas variadas. Assim como este trabalho relata a importância da Educação Estética para a construção de indivíduos críticos, essa análise também se refere aos educadores que estejam sendo formados esteticamente.

É um tanto problemático que a formação de professores não lance muita atenção nos seus currículos para a formação estética, pois dependendo da não formação na mesma temos um ciclo vicioso em que o docente tampouco se preocupava com isso e transmitirá aos seus aprendizes um árido saber estético que conseqüentemente formarão indivíduos pobres esteticamente e mais propensos à educação que os deixa menos

sensíveis e menos abertos para o mundo, sendo apenas sujeitos úteis para algo que importa mais para sobrevivermos do que realmente para viver e assim seguimos sendo sujeitos que enxergamos pouco.

A humanidade precisa de um fôlego no meio imerso de um grande mar onde ela se afoga. O pânico que a assola mais aproxima da morte do que do escape, precisamos da calma, do reaprender a sentir, esse novo fôlego é o educar para sermos humanos, se continuarmos a formar indivíduos inumanos estaremos fadados ao desastre, e assim perdemos a essência do que somos e do que é o outro, somente educar para a sensibilidade será nosso escape deste grande mar que nos afoga, para isso precisamos realmente educar a educar e perceber o valor da Educação Estética.

É importante dizer depois desta afirmativa que a Arte e a Educação Estética não são baluartes da salvação nem a solução para todos os problemas da humanidade, mas que tanto a Arte e a Educação Estética refletem uma mudança em paradigmas que nos impedem de refletir sobre nós mesmos e o mundo em que vivemos e que a partir desta consciência promovida por elas podemos rever grande parte dos problemas que enfrentamos em nossa sociedade.

Para poder contextualizar toda esta reflexão acerca da formação de professores, irei lançar mão das experiências resultantes das vivências como estudante e monitor da disciplina de Arte-Educação nos respectivos semestres (2016.1) e (2017.1 e 2017.2) no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, através de uma metodologia que foi uma das formas de apresentar as experiências estéticas dos estudantes de Pedagogia durante sua vida pregressa e poder refleti-las, chamada “linha do tempo”, já citada anteriormente, trata-se de uma atividade onde podemos refletir a partir de nossas experiências estéticas formativas ou a falta delas em nossas vidas, um processo de formação do educador consciente da importância da estética na formação e entender juntamente com o aspecto histórico do ensino de artes no Brasil o porquê da arte não ser tão valorizada em nossa formação, para esclarecer sobre os objetivos principais da linha do tempo convém citar Goldberg e Bezerra (2012, p. 3)

O objetivo principal da atividade é oportunizar aos estudantes o resgate dos processos formativos em arte, através das narrativas de suas vidas, a fim de levá-los à reflexão sobre seu próprio processo de formação artística, suas fragilidades e precariedades para, a partir daí, compreenderem o histórico do ensino de arte no país e a importância deste ensino para a formação humana, bem como a responsabilidade do educador em arte na sociedade, seja na licenciatura em arte (em qualquer uma das áreas), seja na formação polivalente do pedagogo.

A relação teoria-prática da linha do tempo ajuda o licenciando, futuro educador a entender com mais propriedade os estigmas e absurdos que estão em volta de nossa formação estética, enxergando a partir da sua própria realidade e relacionando com a teoria histórica apresentada, segundo Goldberg e Bezerra (2012). Baseado na proposta da atividade, pude observar que de fato, através das linhas do tempo que, quanto às experiências estéticas tão ressaltadas como importantes na formação estética seja como indivíduos, seja como futuros docentes, são mínimas para que de fato se tornem relevantes para a construção de docentes com sensibilidades estética relevantes, ou seja a reflexão proposta pela atividade é importante para que estes futuros docentes venham a ter mais consciência do valor da estética em nossas formações e na prática do trabalho de futuros educadores.

O fato da reflexão sobre esta problemática pode contribuir na formação destes futuros docentes para que se possa entender o porquê da pobreza de experiências e vivências estéticas relevantes dentro da escola. Assim tendo esta consciência e noção de importância das experiências estético-artísticas, tenhamos educadores que possam reverter esta lógica quando estiverem exercendo o seu trabalho docente e entender os equívocos no ensino de arte a partir de uma análise temporal da vida de cada futuro educador é fundamental e a partir daí podemos ver as muitas aberrações nos ensinamentos de Arte tais quais como se expôs neste trabalho.

Evidencia-se no relato dos estudantes bastantes pontos negativos com relação ao ensino de Arte ofertados nas escolas, evidenciamos traumas que vão da Educação Infantil até o Ensino Médio. O acesso a experiências estéticas realmente formativas se apresenta geralmente de forma limitada ou simplesmente ausente, mesmo sabendo que já temos espaço para uma disciplina específica de Arte nas escolas, pois as atividades realizadas nestas disciplinas se resumiam em tarefas de reprodução de formas geométricas, pinturas de desenhos e confecção de objetos pré-estabelecidos, alguns até já pré-fabricados pelas “tias” e atividades de desenho livre apenas para “tapar buracos” entre atividades na Educação Infantil e, nas séries mais avançadas vemos o contudismo exacerbado do eurocentrismo da arte, o que de alguma forma passa a ideia de que a Arte e a Estética são grandezas distantes para a realidade e atuação daqueles estudantes que não se consideram eleitos como um Leonardo Da Vinci, Michelangelo ou Picasso, por exemplo, no máximo temos apenas atividades que reproduzem as obras destes artistas europeus dos quais no geral pouco entendemos o contexto de suas artes. No mais, as

poucas experiências estéticas se resumiam por razão de datas comemorativas como Festas Juninas e Carnaval por exemplo.

Podemos ver também, nos relatos de variados estudantes, os traumas a respeito da verdadeira censura às manifestações íntimas de criatividades em nome das reproduções e a avaliação dos produtos realizados nas atividades de ensino de artes, resumindo com um “quase bom” em um desenho, o que reflete uma formação estética deficiente dos docentes ou o fato deles sequer serem realmente competentes para ensinar arte, pelo fato de serem professores de outras disciplinas. A educação que em nome de uma formação de seres “úteis” relegam alguns saberes fundamentais que são considerados “perda de tempo” por não serem considerados saberes feitos para a produção nos tornam seres incompletos e em consequência docentes incompletos que formam indivíduos incompletos. O racionalismo exacerbado e a não consideração das emoções e sentimentos como expressão e inteligência deixam a arte e a estética em segundo plano.

A atual concepção puramente racionalista e intelectualista de nossa educação que está envolta a um utilitarismo provocado pela ideologia capitalista que nos faz apartar-nos de nós mesmos e dos outros, provocando a separação entre o sentir e o pensar e fragmentando os nossos conhecimentos e saberes, nos provocam esse afogamento e a proximidade da morte do ser humano em todos nós, não devemos, portanto, como educadores sermos reprodutores de um sistema que nos levará ao fracasso de todos nós e, portanto devemos, como educadores, semear a crença nas utopias e a educação para realmente sermos e não a passividade de apenas existir como indivíduos úteis.

Schiller lança um conselho aos educadores de que uma das atribuições do educador é a de poder facilitar a transformação do educando em um sujeito autônomo, crítico e que seja protagonista de sua ação pelo exercício da sua criatividade. O educador que tenha consciência estética deve educar para a autonomia e não para a dependência. Justificando a importância de um educador que tenha consciência estética e a sua ação em relação ao educando, cito Trigueiro (1974, p. 145-146.):

O educador o que faz com seu toque estimulador, é transformar o educando no instrumento de sua própria força, isto é através de sua própria subjetividade. A ação do educador e do educando recai sobretudo no agir, que é radicalmente criatividade; e o agir, convertido em instrumento, é um jorro incessante de diferentes fazeres, A educação consiste, basicamente, em acionar o agir; em desatar a potencialidade instrumental que este representa, em ligar o homem criador ao homem artífice.

O educador deve ser um facilitador das experiências estéticas de seus estudantes, para isso ele deve dar valor às suas próprias experiências e sentir que isso é um instrumento de libertação e não de submissão, como diz Trigueiro a educação consiste em acionar o agir, portanto a educação permeada pela estética contribui na realização deste processo, assim como pensa igualmente Freire & Shor (1986) que a educação que busca a autonomia é uma experiência estética como uma obra de arte. Então busquemos aqui este modelo de educação em que se almeje a verdadeira formação do indivíduo como pessoa, respeitando sua subjetividade, seu lugar no mundo e não como mero tijolo de um muro como no clipe de *Another Brick In The Wall* da banda de rock *Pink Floyd*, onde vemos uma educação que torna esse sujeito homogeneizado ao bel prazer de um sistema que nos dita o que somos e o que devemos ser. Merecemos mais artes em nossas vidas para sermos aquilo que queremos ser e onde desejamos estar.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como inspiração as experiências pessoais e de colegas de graduação através das reflexões geradas pelas atividades da linha do tempo, amparado por um cabedal teórico que buscou justificar todas as dificuldades e possibilidades da linguagem estética como princípio de formação e mostrar que toda a problemática lançada não é obra do mero acaso e possui sim, toda uma questão histórica, política e cultural para que vejamos o quanto a Arte e seu ensino se mostraram com visões equivocadas durante grande parte da história da educação brasileira. Diante da importância da formação estética na construção do indivíduo crítico ressalta-se a importância da formação de docentes com saber estético e assim refletindo sobre isso poderemos ressaltar que a educação do sensível deve na prática fazer parte da nossa educação com o devido respeito e relevância.

Vemos que a linguagem estética foi utilizada por grupos políticos que alcançaram o *status* de estado ou de seus aliados, de forma utilitarista para que a arte fosse um meio a se chegar a algo considerado mais importante, como pelos jesuítas no *Ratio Studiorum* para basearem sua catequização e proselitismo ou como pelos positivistas e liberais que tinham uma visão para formação de mão de obra para o crescimento econômico do país, isso bastou para que se reduzisse toda a capacidade da Arte como propulsor de autonomia, sensibilidade e criatividade dando lugar a uma “estética” que alienava e causava dependência e falta de criatividade.

Toda essa construção histórica reforçada pelas elites e o capital tornou as artes mais distantes das camadas populares e a crença de que o alcance se daria por eruditos e talentosos, reforçada principalmente pela mentalidade dos tempos do Brasil-Colônia que importou uma vanguarda artística europeia em detrimento da estética do povo brasileiro, para apontar uma pretensa evolução cultural da colônia mais importante de Portugal, onde o eurocentrismo estabelecia a ordem mundial na época.

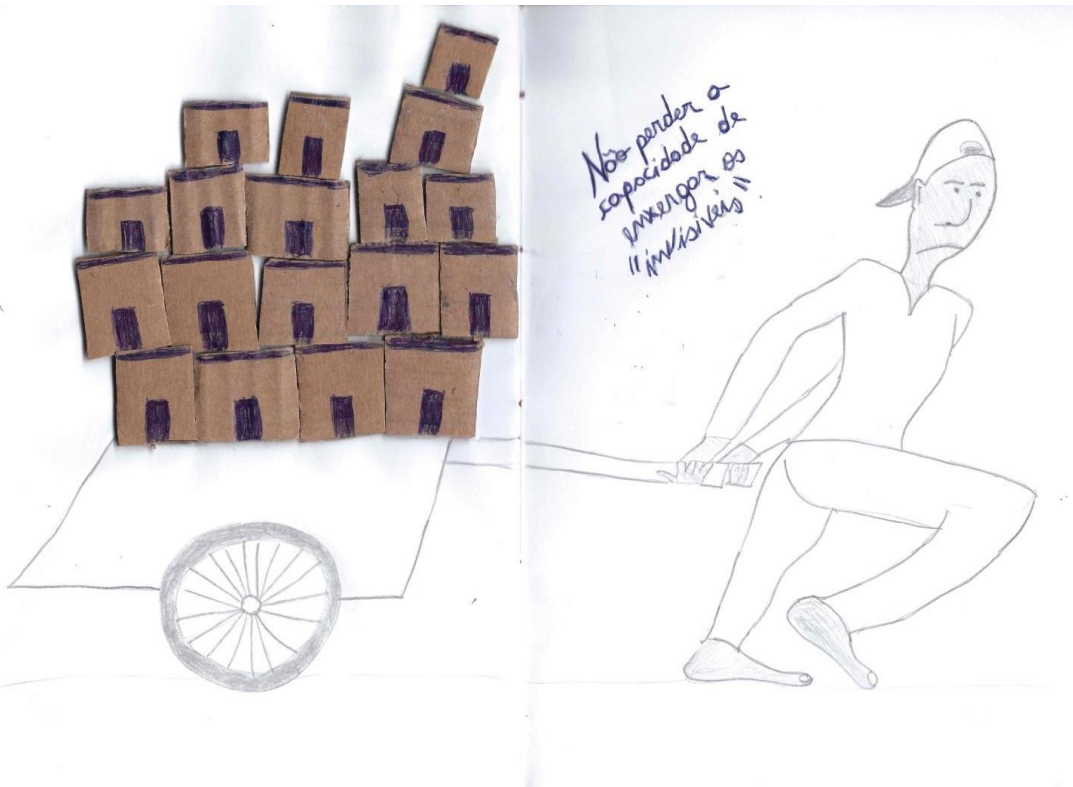
Outra grande problemática é a cisão entre razão e emoção como antagônicas, fato que elevou a racionalidade exacerbada em detrimento dos sentimentos que atrapalham a construção do homem útil às premissas do mercado e do capital, as artes passaram a ter também, por este aspecto, um caráter secundário na formação dos indivíduos e, por consequência, nos currículos escolares.

Este trabalho quer reforçar a importância da Arte como princípio formador do homem e para a formação do homem para uma maior sensibilidade e por consequência

a sua maior criticidade e a maior importância as linguagens estéticas e que elas não sejam vistas como meros acessórios de cultura, como passatempos ou como inacessíveis às pessoas em geral para fruição e criação e essas mesmas linguagens estéticas devem ter espaço na educação por toda a sua potência de formação humana e que agregue e valorize de uma vez por todas razão e emoção como complementares na construção de um ser humano realmente mais humano e com uma inteireza e beleza pelo valor de seus sentimentos como inteligências.

Chamamos a atenção para a formação de professores com visão das linguagens artísticas como importantes nesse processo e na de seus aprendizes, valorizar as experiências estéticas seja de fruição como de criação como formadoras destes profissionais a fim de que as tornem parte deles próprios para que eles no futuro facilitem as experiências e seus benefícios aos seus discentes, daí a importância de haver mais espaços para formações estéticas nos cursos de licenciaturas. O julgamento com relação aos espaços de Educação Estética no curso de Pedagogia (UFC), por exemplo, são importantes, mas ainda são reduzidos no currículo e pouco conversa com outras disciplinas.

Nas palavras deste simples desenhista que, por meio de seus traços, busca criticar as contradições nesse mundo e que seguirá contestando o que não é correto nesta sociedade, como futuro docente, venho neste trabalho, buscar maior consideração e importância por parte de nós educadores pela potência que se reside nas linguagens artísticas e na Educação Estética, podemos tirar daí uma plêiade de possibilidades para uma formação humana para o benefício desta sociedade. A Arte foi meu divisor de águas no curso de Pedagogia e me entendi como pessoa como criador e fruidor da Arte e passei a ser bem mais crítico com relação aos acontecimentos desse mundo, quero compartilhar com todos por intermédio da minha profissão. A Arte merece respeito! Arte não é passatempo!





## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Teoria da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

AMOROSO LIMA, Alceu. **Introdução à literatura brasileira**. Rio de Janeiro, Agir, 1956.

BARBOSA Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 1ª reimp. da 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BARBOSA, Ana Mae (org.) **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2008.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. CONSELHO PLENO. Resolução CNE/CP n. 1 de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Pedagogia. Brasília: CNE, 2006b.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. BNCC. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versãofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versãofinal_site.pdf). Acesso em: 16/12/2019.

BRASIL. Lei n. 5692, de 11 de agosto de 1971, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1971.

BRASIL. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1996.

BRASIL. Resolução nº 01, de 07/04/1999. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: CNE/CEB, 1999

BRASIL. Resolução CEB n.2 de 7 de abril de 1998: Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Relatora: Conselheira Regina Alcântara de Assis. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/cne/resolucao.shtm>>.

BRASIL. Resolução CEB n. 3 de 26 de junho de 1998. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Relatora: Conselheira Guiomar Namó de Mello. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/cne/resolucao.shtm>>.

CASSIRER, Ernst. **Antropologia filosófica**: ensaio sobre o homem. 2.ed. São Paulo: Mestre-Jou, 1977.

CHAUÍ, M. (2011). **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras.

DUARTE Jr., João-Francisco. **O sentido dos sentidos**: A educação (do) sensível. Curitiba: Criar Edições, 2001.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos estéticos da educação**. Campinas, SP: Papirus, 1988.

\_\_\_\_\_. **Por que Arte-educação?** – 8ª ed – Campinas-SP, Papirus, 1996.

DUDH, **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, Assembleia Geral das Nações Unidas, 10 de dezembro de 1948. UNIC/Rio/005, Janeiro 2009 (DPI/876). Tradução em português disponível em <http://www.dudh.org.br/wp-content/uploads/2014/12/dudh.pdf>. Acesso em 04/11/19

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria F. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança**. 15ª Ed., São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo & SHOR, Ira. **Medo e ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GOLDBERG, Luciane Germano & BEZERRA, Larissa Rogério. **Linha do tempo:** Narrativas de vida e experiências formativas em arte. In: Congresso Nacional da Federação dos Arte-Educadores do Brasil - Arte/Educação: Corpos em Trânsito, XXII, São Paulo, 2012. Anais. São Paulo: Instituto de Artes / Universidade Estadual Paulista. 14

GOLDSCHMIDT, Lindomar. **Sonhar, pensar e criar:** a educação como experiência estética. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

GULLAR, Ferreira. **Traduzir-se.** In: GOLDSCHMIDT Lindomar. **Sonhar, pensar e criar:** a educação como experiência estética. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **O Brasil monárquico.** São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967. v.3.

IABELBERG, Rosa. **Arte/educação modernista e pós-modernista:** fluxos na sala de aula. Porto Alegre: Penso, 2017.

ISER, W. O ressurgimento da estética. In: ROSENFELD, D. L. et al. **Ética e estética.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

Lei 5692/71. In: BREJON, Moysés. **Estrutura e funcionamento do ensino de 1º e 2º graus.** São Paulo: Pioneira, 1975, p. 133.

LIS, Elza Aparecida Buenos. **O ensino da arte e a formação de docentes ensinando a ensinar.** Quedas do Iguaçu – PR, 2008.

LOWENFELD, V.; BRITTAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora.** São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MACEDO, Elizabeth. **Base Nacional Curricular Comum: novas formas de sociabilidade produzindo sentidos para educação.** Revista e-Curriculum, São Paulo, v. 12, n.03 p. 1530-1555 out/dez 2014.

MACIEL DE BARROS Roque Spencer. **A ilustração brasileira e a idéia de universidade.** São Paulo. USP, 1959.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2004.

MAY Rollo. **O homem à procura de si mesmo**. 3. Ed. Petrópolis, Vozes, 1973. (Col.Psicanálise II.) (Trad. De Àurea B. Weissenberg.)

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: **O nascimento da tragédia**. Companhia das Letras, 1999.

PERES, José Roberto Pereira. **Questões atuais do Ensino de Arte no Brasil: O lugar da Arte na Base Nacional Comum Curricular**. Colégio Pedro II, Revista do Departamento de Desenho e Artes Visuais, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.24-36, 2017.

PITTY. Admirável Chip Novo. **Admirável Chip Novo**. Rio de Janeiro, Deckdisc, 2003.

READ, Herbert, 1893-1968. **A Educação pela Arte**. Tradução Valter Lelis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

READ, Herbert. **Arte e alienação: o papel do artista na sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem**. Trad. Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SUBTIL, Maria José Dozza. Reflexões sobre ensino de arte: recortes históricos sobre políticas e concepções. In: Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. 41, p. 241-254, mar, 2011.

TRIGUEIRO MENDES, Durmeval. Realidade, experiência, criação. In Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro: v.59 n.130 p. 228 abr/jun. 1973. MEC.

VIGOTSKY, Lev Semyonovich. **Psicologia da Arte** (377 pp.). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VILLAÇA, Iara de Carvalho. **Arte-Educação: A Arte como metodologia educativa**. Cairu em Revista, n. 4, p. 74-85, 2014.

WATERS, Roger. Pink Floyd, Another Brick in the Wall. **The Wall**.Harvest Records, UK, 1979.

WILDE, Oscar..**Intenções**: Quatro Ensaios sobre Estética. Lisboa: Edições Cotovia, 1992.